

Chacina na Lapa 10 anos depois não é esquecida

Página 8



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS

61 ANOS

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 12

ANO II

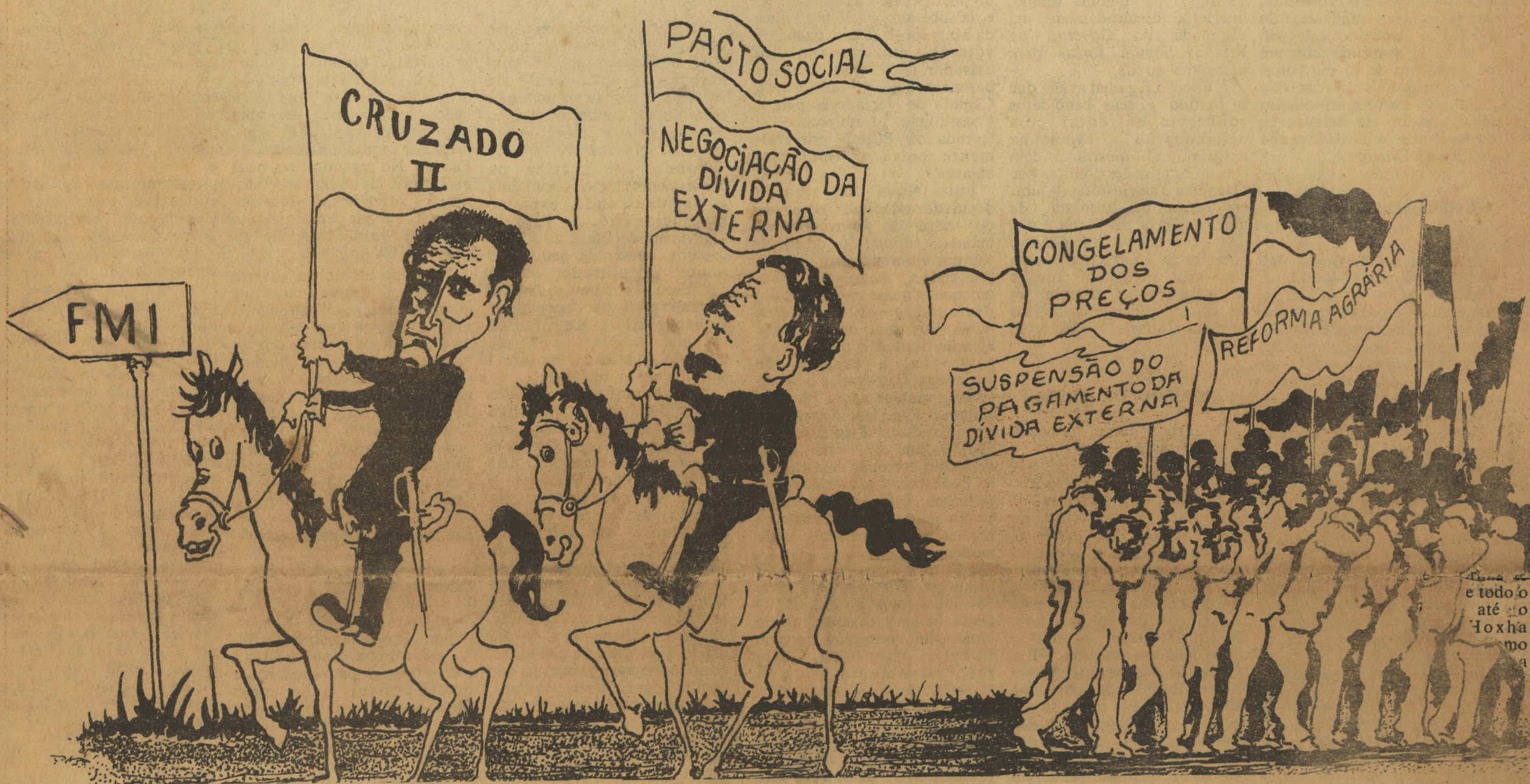
V FASE

DEZEMBRO 1986

Cz\$ 3,00

PC do B duplica sua bancada para atuar na Constituinte

Página 3



Povo albanês comemora nas ruas os êxitos do Congresso do PTA.

Congresso do PTA destaca o progresso da nova Albânia.

Em novembro último realizou-se em Tirana o 9º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia. Aqui, trechos do relatório apresentado pelo camarada Ramiz Alia. Páginas 5, 6 e 7.

EDITORIAL

Imperialismo e reação ameaçam o Brasil

O ano de 1986 chega ao fim com o Brasil vivendo uma situação de extrema gravidade. Logo após o término das eleições, ainda durante a apuração dos votos, o governo tomou uma série de medidas econômicas alcunhadas como "Plano Cruzado 2" que trazem novas e maiores dificuldades para o povo brasileiro.

É tal a dureza da situação brasileira, que o governo se vê constringido a admitir que foi obrigado a correr de calças nas mãos e adotar o elenco de medidas sob pressão dos credores internacionais.

O pano de fundo é a situação das contas externas que se deteriorou de forma rápida e brusca. As divisãs caíram a um

patamar crítico, as exportações se reduziram e registrou-se déficit na balança comercial.

A grande burguesia no governo tenta manobrar para ver como consegue impedir a debacle. Submete-se às pressões do imperialismo, do que é exemplo a modificação, para pior, da lei de informática. Seu plano a curto prazo é rolar a dívida, obter dinheiro novo e abrir novos espaços à ação do capital estrangeiro no país. Ou seja, adota-se o velho caminho de endividar o país ainda mais, acarretando pesado ônus para o povo e a nação.

Diante da revolta gerada pelas medidas anti-populares, do protesto generalizado e da retomada das lutas dos

trabalhadores, o governo acena com a proposta do "pacto social", do "entendimento nacional". Mas sua própria política inviabiliza qualquer entendimento, pois este é impossível enquanto o peso da crise continuar sendo atirado às costas dos trabalhadores e a soberania nacional continuar sendo aviltada pelas vergonhosas concessões aos credores internacionais.

Diante da gravidade da situação, o povo precisa se unir num grande movimento nacional e suprapartidário pela suspensão do pagamento da dívida externa, única maneira de encaminhar a solução dos problemas econômicos nacionais. Fora desse caminho

o Brasil corre o risco de continuar escravizado pelo capital estrangeiro e de viver períodos sombrios de recessão, desemprego, fome e escassez.

As ameaças à nossa soberania se entrelaçam com as arremetidas contra a democracia e o movimento popular. Os credores exigem que o governo silencie o povo, restrinja suas liberdades, recorra à repressão, para evitar a explosão.

O protesto dos trabalhadores no último dia 12 de dezembro com paralisações de trabalho em todo o país, foi alvo das piores ameaças. Em todas as capitais, as Forças Armadas colocaram-se de prontidão e no Rio de Janeiro os tanques ocuparam a

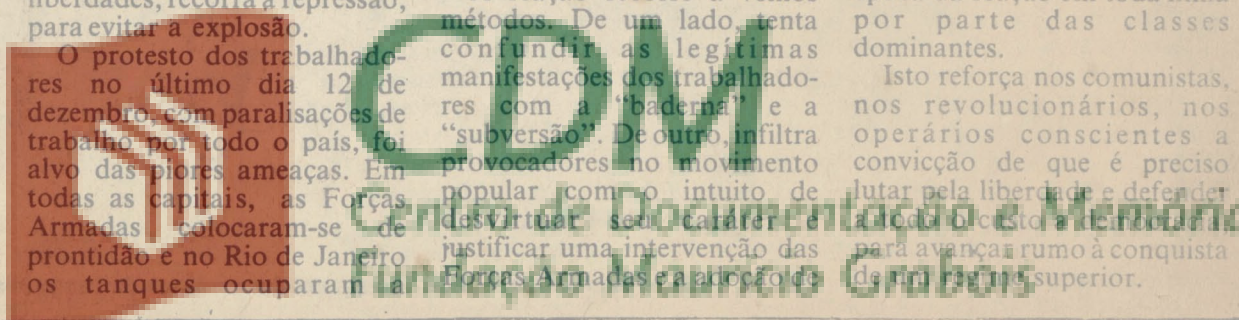
Avenida Brasil para impedir manifestações. Dessa forma, o Governo Sarney, envereda pelo inaceitável caminho da repressão, tal como no período da ditadura. De nada adianta proclamar formalmente o direito de greve e acenar com o diálogo se na prática não se assegura o direito de protestar contra medidas lesivas aos interesses do povo e do país.

A reação recorre a velhos métodos. De um lado tenta confundir as legítimas manifestações dos trabalhadores com a "baderna" e a "subversão". De outro, infiltra provocadores no movimento popular como o intuito de desvirtuar seu caráter e justificar uma intervenção das forças armadas.

medidas repressivas.

Nada disso ocorre a toa. Faz parte da estratégia do imperialismo de impedir o ascenso do movimento democrático nos países dependentes. E, num plano mais geral, relaciona-se com a crise das instituições burguesas em todo o mundo. Confirma-se a tese leninista de que a época do imperialismo é a época da reação em toda linha por parte das classes dominantes.

Isto reforça nos comunistas, nos revolucionários, nos operários conscientes a convicção de que é preciso lutar pela liberdade e defender para avançar rumo à conquista do socialismo superior.



Bahia:

PCdoB dobra bancada parlamentar

Pedro Augusto

O Partido Comunista do Brasil - PCdoB - teve na Bahia um dos seus mais expressivos desempenhos eleitorais no país. Elegeram quatro dos cinco candidatos que lançou: dois deputados federais constituintes - o líder do partido na Câmara dos Deputados, Haroldo Lima, reeleito com mais de 40 mil votos, e a líder do partido na Câmara de Vereadores de Salvador, Lídice da Mata, com quase 37 mil votos; e dois estaduais - o jornalista Luiz Nova, reeleito com quase 18 mil votos, e o médico veterinário Vandilson Costa, com quase 17 mil votos, este pela legenda do PMDB. O ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, Javier Alfaya, candidato do PCdoB a deputado estadual, ficou na 11ª suplência, com um pouco menos de 13 mil votos. Javier, apesar de não ter sido eleito, foi um dos candidatos mais votados em Salvador e consolidou sua liderança política no Estado.

A REAÇÃO FOI BATIDA

A eleição na Bahia foi das mais difíceis. Polarizou-se na disputa pelo Governo do Estado que terminou com a esmagadora vitória do ex-ministro da Previdência Social, Waldir Pires, com quase 1,5 milhão de votos sobre Josaphat Marinho, o candidato das forças reacionárias comandadas pelo ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães.

"Unidade, garra, entusiasmo, a receita dos comunistas". A edição de junho de 86 do jornal do Diretório Regional do PCdoB, "O Momento", proclamou o partido à mobilização, chamando a população para as peculiaridades da eleição na Bahia, para a diversidade de combinar a ação estadual com a campanha da Constituinte, para a importância das grandes ações eleitorais de massas.

Elias Ramos, da Secretaria de Organização do PCdoB baiano, avalia que, embora com algumas debilidades, o Partido venceu o desafio eleitoral. Obteve uma grande vitória nas urnas - uma das maiores das esquerdas no Brasil - com um crescimento de 100% de suas forças na frente parlamentar baiana.

A campanha anticomunista na Bahia atingiu especialmente o PCdoB, apresentado pela reação como "inimigo do povo, da democracia e da Nação". "Mas os comunistas souberam enfrentar politicamente as dificuldades", afirma Elias. E completa: "Lutaram pela coligação com os partidos progressistas em torno da

candidatura de Waldir Pires. Escolheram candidatos à Constituinte e à Assembléia Legislativa provados na luta popular e democrática e com liderança política à altura da disputa colocada. Ao lado disso, o Partido batalhou pela ampliação do seu tempo no horário gratuito da TV, conseguindo importante vitória nesse terreno."

Definidas as regras do jogo e os seus candidatos, o PCdoB intensificou sua campanha eleitoral. Centrou a discussão nos grandes temas da Constituinte e divulgou amplamente as teses elaboradas pela Direção Nacional do Partido. Ao mesmo tempo, interferiu destacadamente na disputada do Governo do Estado. Somou forças para derrotar a direita.

A direção regional avalia que o partido e seus candidatos souberam enfrentar com determinação a campanha anticomunista, mostrando com clareza as posições políticas que defendem a sua história de lutas em defesa da liberdade, da independência da Pátria e dos direitos do povo trabalhador. Nesta briga, a direita, mais uma vez, saiu perdendo: aqueles candidatos que fizeram os discursos anticomunistas mais raivosos e primários não foram eleitos.

CAMPANHA DE MASSAS

O Partido lutou, também, decididamente, contra a interferência do poder econômico nas eleições. Denunciou as tentativas de manipulação da consciência do povo através do dinheiro. Alertou lideranças populares que estavam sendo compradas. E, principalmente, organizou uma campanha marcadamente popular, de casa em casa, com efetiva discussão política e comícios massivos. Em Salvador, especialmente, realizou comícios de bairro com participação de 3 mil a 10 mil pessoas e a presença de artistas populares baianos como Carlos Pita, Zelito Miranda, Lui Muritiba e Missinho, que deram a maior força à campanha dos candidatos comunistas.

O Partido foi às ruas. Além dos comícios populares, realizou caminhadas e concentrações no centro da cidade, como a promoção "Sou Contra", na Praça da Piedade, de cunho marcadamente antiimperialista. Fez a campanha ferver nas portas das fábricas do Centro Industrial de Aratu e do Pólo Petroquímico de Camaçari - ali, no último mês da campanha, realizou mutirões diários às 6 e às 16 horas, com a participação de Haroldo Lima e

Luiz Nova e destacadas lideranças operárias, como o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e vice-presidente regional da CGT, Renildo Souza, e o presidente do Sindicato dos Têxteis, Daniel Gomes.

PARTIDO VITORIOSO

Depois de seis meses de intensa campanha, a direção regional do PCdoB avalia que o Partido pode considerar-se amplamente vitorioso na Bahia. Haroldo Lima está reeleito. Na campanha, reafirmou a coerência que marca sua vida na luta em defesa dos operários e do povo, a favor da democracia e da soberania nacional. Lídice da Mata foi eleita com brilhante votação, especialmente em Salvador, onde figura com uma das mais votadas; saiu direto da Câmara de Vereadores para a Constituinte, fortalecendo a legenda do PCdoB principalmente entre as mulheres baianas.

Luiz Nova foi reeleito deputado estadual, recebendo do povo a aprovação ao mandato popular que desenvolveu nos últimos quatro anos na Assembléia Legislativa. Foi votado em quase todo o Estado, destacadamente naqueles municípios onde dedicou mais atenção durante o mandato e a campanha, a exemplo de Itapetinga, Camaçari, e o Sul do Estado, notadamente Ilhéus e Itabuna. Vandilson Costa, que tinha ficado na 2ª suplência do PMDB em 82, está eleito deputado estadual. Sua eleição foi basicamente garantida com a brilhante votação que teve no sertão baiano, especialmente na região de Guanambi, onde nasceu.

Os candidatos do PCdoB foram votados na maioria dos 367 municípios do Estado. O Oeste baiano, destacadamente Guanambi, consagrou Haroldo Lima e Vandilson Costa respectivamente para a Constituinte e a Assembléia Legislativa. Embora abaixo das expectativas, os candidatos do PCdoB, Haroldo Lima e Luiz Nova, foram os mais votados no Município operário de Camaçari, com o apoio do jovem prefeito Luiz Caetano. Ali Haroldo Lima teve quase 5 mil votos.

Foi significativa, também, a presença do Partido nos grandes municípios - Feira de Santana, Juazeiro, Ilhéus, Itabuna, Jequié, Vitória da Conquista, Alagoinhas (aqui, Lídice da Mata foi a segunda mais votada, com quase 3 mil e 500 votos), mas também nos pequenos, evidenciando as grandes possibilidades de o Partido ampliar sua influência em todo o Estado.



Maria Dolores, da direção do Partido, entre os candidatos Jandira e Edmilson, num corpo a corpo pelas ruas do Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro os caminhos da vitória

Caroline Silva Guarato

"É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho. De examinar com atenção a vida real, de confrontar nossa observação com o nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossa fantasia." (Lênin)

Pondo em prática os ensinamentos legados por Lênin e demonstrando espírito revolucionário, o Partido Comunista do Brasil no Rio de Janeiro, apesar de pequeno e pouco estruturado, elegeu Edmilson Valentim e Jandira Feghali para as Assembléias Constituinte e Legislativa, respectivamente. Foi um exemplo de ousadia na luta e sintonia com a realidade.

A campanha, no início concentrada em eleger um deputado estadual, foi marcada pela adesão popular e pelo nível de conscientização dos militantes, que ajudaram a vencer as adversidades. Na opinião de Maria Dolores, presidente do Diretório Regional do PCdoB no Rio de Janeiro, "a campanha pôs a nu as dificuldades do Partido, as vacilações foram corrigidas e revelaram-se novas lideranças, ou seja, aplicou-se a lei da dialética do salto de qualidade, abrindo um novo panorama que contou com a adesão popular."

A preocupação principal dos dirigentes era identificar uma campanha sintonizada com a tendência do eleitorado e caracterizar a imagem do PCdoB perante uma população que vinha de uma experiência negativa com a esquerda devido à atuação do PDT. Partiu-se então para uma luta no campo político-ideológico, apresentando-se propostas concretas ligadas a uma campanha com conteúdo político e didático.

Para tanto, formou-se uma legenda ampla que englobou diversos setores da sociedade. Segundo Luís Fernandes, membro do Diretório Regional e responsável pela propaganda do PCdoB no rádio e na TV, "o eleitor não vota na posição ideológica do Partido, mas sim nas propostas políticas". Para provar isto afirma, "tivemos as mais variadas combinações de votos, alguns de cunho ideológico, mas predominou o voto no avanço, na renovação."

As fases da campanha

A campanha eleitoral dividiu-se em três fases, tendo como preliminar o lançamento no dia 03 de Maio da candidatura de Jandira Feghali - a primeira a se lançar à Assembléia Legislativa demonstrando para os aliados uma campanha política independente. A primeira fase foi caracterizada pelas reuniões com lideranças de bairros e fábricas no intuito de reproduzir a campanha. Na segunda fase iniciou-se o processo de organização deste trabalho, gerando grupos de apoio com uma estrutura política sólida. A terceira fase coincidiu com a propaganda no rádio e na TV, o que intensificou o trabalho de rua.

Para Luís Fernandes, "a TV foi um instrumento decisivo para criar possibilidade de vitória, aliado ao fato de serem somente dois candidatos, o que facilitou a centralização da campanha". A função do programa era tentar criar uma identificação das propostas com a imagem dos candidatos, um programa que abordasse política e

questões nacionais, criando um elo entre o candidato, a proposta e o Partido.

Num primeiro tipo de programa abria-se com uma denúncia, seguida de uma explicação rápida e uma proposta centrada nas teses do Partido. No segundo tipo, mais maleável e de maior repercussão, os candidatos colocavam na prática o que demonstravam na teoria, ou seja, seguiam nas ruas as lutas do povo.

Traçando uma linha adversa à política tradicional, que ignora a consciência do povo, a propaganda eleitoral não caiu na retaliação e foi colocada de uma maneira simples e objetiva. Criaram-se comitês em cada município do Grande Rio de Janeiro, além de Volta Redonda, Nova Iguaçu, São João do Meriti, Caxias, Jataguai, São Gonçalo, Niterói e nas grandes regiões do Rio de Janeiro.

Um operário na Constituinte

O lançamento oficial da candidatura de Edmilson Valentim deu-se junto com a divulgação do livro: "Constituinte - Propostas do PCdoB". A primeira assembléia metalúrgica de peso organizada por Edmilson agiu como alavanca na sua campanha, pois a massa encampou a idéia de um operário na Constituinte e colocou isto para o eleitorado.

O consenso em torno do seu nome baseou-se em sua luta política e no fato de ser um operário. E em termos de política, significou uma maneira expressiva de tratar a questão do operariado, área na qual Edmilson já atuou como Delegado Sindical no Congresso da Conclat (atual CGT), no segundo Congresso de Metalúrgicos da CGT e na atividade cotidiana, organizando comissões de fábrica.

Seu trabalho seguiu um ritmo dinâmico cuja linha de orientação tinha como eixo propostas inseridas no contexto político, o que ficou bem claro para o povo, que sempre dizia: "você fala o que a gente queria falar e não pode."

A campanha centralizada na legenda atingiu objetivo de apresentar o Partido às amplas massas, resultando em um grande número de adesões que estimularam e fortaleceram politicamente o Partido, tornando-o a principal força da esquerda no Rio de Janeiro.

A luta continua

Jandira Feghali, deputada estadual mais votada no Rio de Janeiro, afirmou que o fato de ter sido apresentada pela legenda do PCdoB contribuiu para que tivesse uma fácil penetração nos setores populares, e o seu discurso novo contribuiu para a votação geral, além de proporcionar uma porcentagem em torno de 30% de votos fora da coligação.

A receptividade da campanha serviu como instrumento para a organização do Partido em várias áreas, e mesmo os militantes mais novos com uma certa dificuldade no enfrentamento político, passaram a viver a legalidade transmitida para o povo, o que gerou credibilidade. O grande desafio agora é transformar esta grande vitória em uma conquista política e social.

sustentar o êxito da campanha. E para isto, Jandira e Edmilson estão retornando aos locais de votação tentando manter alguns comitês abertos.

Pretendem demonstrar que o parlamentar comunista é de luta e realiza seu trabalho junto com o povo, por isso darão prosseguimento à campanha educativa com relação à Constituinte, organizando o povo e colocando-o na rua.

Eles pretendem também a democratização do Estado, o fim da repressão aos movimentos de massa, a participação do povo na elaboração dos planos de governo. Com relação aos direitos sociais dos trabalhadores, eles estão elaborando um trabalho que visa a recuperação econômica do Estado e a ampliação do mercado de trabalho. Já têm planos concretos para encaminhar a luta pela liberdade de organização dos trabalhadores e pelo direito à formação de comissões de fábrica. Na questão salarial, lutarão pela valorização do trabalho.

A criação de uma infraestrutura que possibilite assentar a família no campo, a garantia da posse da terra a quem nela trabalha, uma política urbana de desapropriação de terrenos também estão incluídos nesta plataforma.

Jandira está confiante na instalação de Delegacias de Mulheres e do Conselho Estadual de Direitos da Mulher, que organizará creches públicas e programas de assistência materno-infantil, promoverá a instrução com relação aos contraceptivos e lutará pela aplicação da lei que permite a prática do aborto quando se referir ao estupro (Briszola vetou esta lei).

A plataforma de Jandira inclui também trabalhos intensivos na área da educação, que visem não somente a construção de novas escolas, mas também a manutenção das antigas, e o direito ao ensino público e gratuito. Na área da saúde, a luta é pra transformar a política da doença na política da saúde, através de campanhas preventivas.

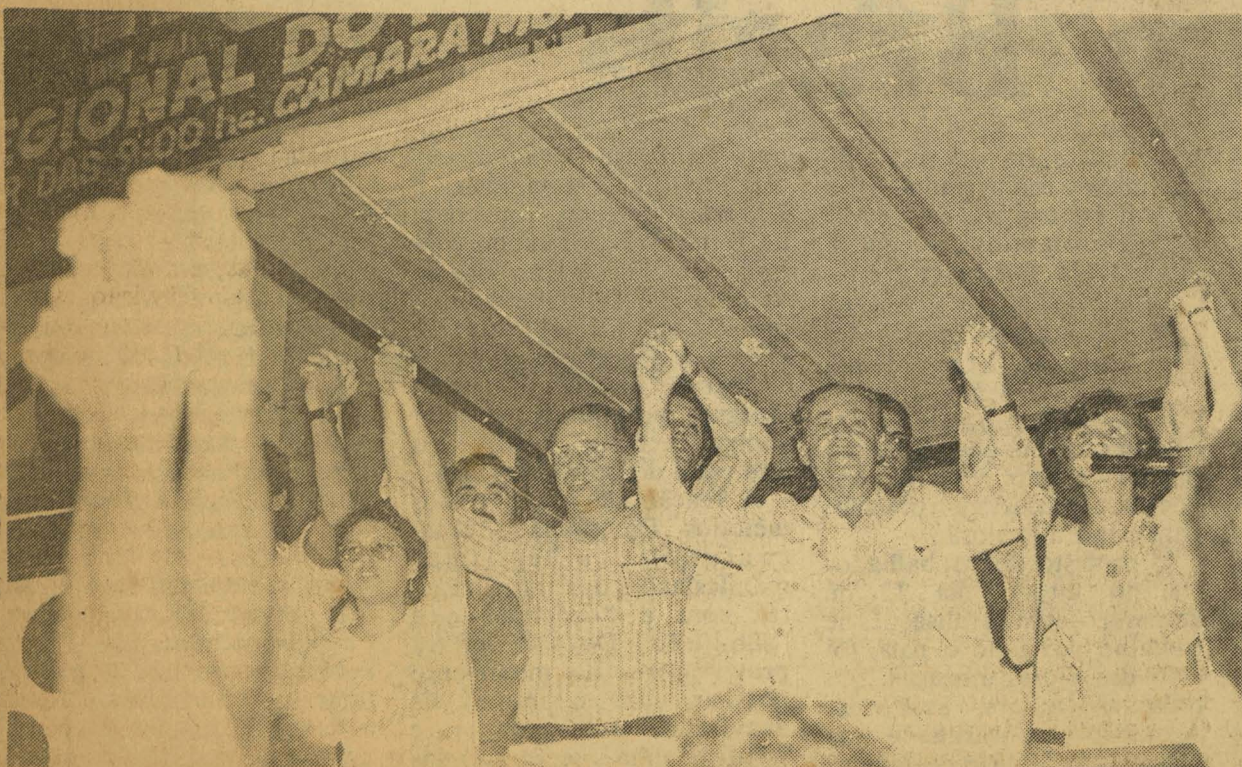
Um dos aspectos de destaque da plataforma de Jandira é o projeto "Solte a Voz", destinado à juventude e ao desenvolvimento cultural. Este projeto resgata a nossa cultura e dá espaço para outras, colocando a arte dentro de uma visão política de avanço.

EXPEDIENTE

Publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda
Redação e Administração:
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1511 - Bela Vista - São Paulo-SP
CEP: 01317. Fone: 251-2729
Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas
Edição e Redação: José Reinaldo Carvalho
Diagramação: Vinicius Garcia/

Composição, Fotorito e Impressão - JORNAL PAULISTA S.A. Memória Gráficos
Tel: 278-1677

Vandilson Costa, eleito deputado estadual pelo PMDB com o apoio do PC do B	Luiz Nova, reeleito deputado estadual pelo PC do B
--	---



Haroldo Lima e Lídice da Mata com o governador eleito na Bahia, Waldir Pires, num dos comícios da campanha

Amazonas confirma avanço do PC do B e analisa situação política do Brasil

Nos últimos dias 10 e 11 de dezembro reuniu-se a Direção Nacional do Partido, que analisou os resultados eleitorais, examinou a situação política nacional e discutiu sobre as novas tarefas políticas e orgânicas do Partido. A reunião transcorreu num clima de unidade e marcou um momento de avanço na compreensão política do Partido. O camarada João Amazonas dirigiu os trabalhos e apresentou o informe sobre as eleições e o novo quadro político. Em seguida, uma entrevista exclusiva com o Presidente Nacional do nosso Partido.

A CLASSE: O resultado das eleições foi satisfatório diante da expectativa inicial do Partido? **JOÃO AMAZONAS:** Antes das eleições o nosso Partido tinha uma expectativa um pouco diferente quanto ao resultado eleitoral. Sempre dissemos que as forças conservadoras obteriam maioria na Assembléia Constituinte mas possivelmente haveria uma forte representação democrática e progressista nessa Assembléia. Nessa nossa opinião estava implícita a idéia de que as forças progressistas ganhariam espaço. Também quanto ao nosso Partido a expectativa não era sem o pé na terra. Calculávamos que elegeríamos uns 9, talvez uns 12 deputados federais e que possivelmente alcançaríamos 1 milhão de votos. Elegemos 6 federais e 5 estaduais.

A CLASSE: Qual o balanço geral das eleições na sua opinião? **JOÃO AMAZONAS:** Se examinarmos detidamente o processo eleitoral no Brasil, chegamos à conclusão de que como tendência do eleitorado o que venceu no Brasil foi o centro direita, particularmente o centro. O resultado das eleições mostra esse fato político inofensível. Por outro lado, notamos que houve uma derrota esmagadora da extrema direita: Maluf, PDS etc. Em todo o Brasil, o PDS, que já era uma legenda maldita, transformouse numa legenda defunta. Também se constata no balanço geral das eleições, que a esquerda sofreu certa derrota. Esse parece ser o resultado mais global, mais geral, mais objetivo das eleições no Brasil.

A CLASSE: Explique melhor o desempenho da esquerda. **JOÃO AMAZONAS:** Por exemplo, Brizola sofreu uma esmagadora derrota no Rio de Janeiro, onde dominava a máquina política do Estado, e no Rio Grande do Sul que era um antigo reduto brizolista. Seria um erro dizer que já está morto, mas ele sofreu uma derrota política muito séria. Ainda na "esquerda", se a gente observa o PCB, os revisionistas sofreram uma derrota acuada. Eles tinham três deputados federais, esperavam eleger 9, e só elegeram três. Líderes destacados, como o Goldman, não conseguiram se eleger. O PCB teve um resultado bastante negativo. Também na esquerda podemos nos referir ao PSB, que queria aparecer como força política nova, também não alçou vôo. Na esquerda podemos dizer que o PT aumentou sua bancada. Esperava eleger 35 ou 36 deputados, segundo declarações de Hélio Bicudo no dia das eleições. Elegera a metade do que esperava. Apesar disso, podemos considerar que o PT saiu-se bem, particularmente em São Paulo, onde elegeram oito deputados federais e dez estaduais. É bem verdade que não no nível que os petistas desejariam.

A CLASSE: E o PC do B? **JOÃO AMAZONAS:** Em segundo lugar vem o Partido, que podemos analisar em particular. Tínhamos três deputados federais, agora elegemos seis, ou seja, duplicamos a bancada. Acrescentamos bastante em número de votos em relação a 82. Por isso eu acho que o Partido não sai mal do pleito. É atingido também por esse fenômeno político no país, que dá uma vitória ao centro e ao centro direita, elimina a extrema direita e ao mesmo tempo isola, neutraliza ou derrota a esquerda.

A CLASSE: Como você analisa a esmagadora vitória do PMDB? **JOÃO AMAZONAS:** Os fatores são complexos e muitos. Se analisamos a eleição para governador, também temos um resultado surpreendente. O PMDB levou tudo. Ganhou em 22 estados e tem a maioria absoluta da Assembléia Constituinte. Quer dizer, se quiserem podem fazer a Carta Magna democrática e progressista que andaram prometendo ao povo, porque não precisam nem mesmo se aliar a ninguém. Tem maioria absoluta. Cerca de 54%. A maioria dos governado-

res eleitos é de centro e se pode dizer que uma parte é de centro direita também. Se a gente liga isso ao problema da Assembléia Constituinte, então essa questão fica mais clara. A composição da Assembléia Constituinte é conservadora. O PMDB vai ter 303 parlamentares, numa composição conservadora, de centro e centro direita. A direita, na Assembléia Constituinte, conseguiu espaço inclusive na legenda do PMDB. É muito comum encontrar candidatos da UDR eleitos por essa legenda.

A CLASSE: Por que o eleitorado votou assim? **JOÃO AMAZONAS:** É um problema a raciocinar. Em primeiro lugar, nas eleições majoritárias, a massa votou em grande parte em função da alternativa. O processo político brasileiro vem colocando sempre a questão de derrotar a direita. Nessa campanha eleitoral se polarizou um bocado a luta contra a direita. Sempre a concorrência era entre o candidato do PFL ou do PDS, que representa forças reacionárias, e do outro lado o candidato do PMDB. Em todo país essa era a polarização da campanha eleitoral majoritária. Então, o eleitorado faz uma opção, não tendo outra, porque não havia uma opção de esquerda, nem de centro esquerda nessas eleições majoritárias. Polarizou-se tudo em torno do centro e do centro direita contra a direita. Eu tenho a impressão, de que o eleitorado brasileiro tratou de esmagar a direita e nesse sentido obteve êxito. Por isso votou no centro e centro direita. Votou como alternativa. Não se pode dizer que seja uma vitória de um partido democrático consolidado no Brasil e que esse resultado expresse isso. Não é bem assim. No Brasil os partidos não chegam a ter essa estruturação e essa identidade política.

A CLASSE: Essa opção resulta num avanço do processo político democrático brasileiro? **JOÃO AMAZONAS:** Na minha opinião, não. O povo votou contra a direita, mas o antigo processo que se vinha seguindo de tendência para a esquerda mostrou-se débil. A questão tinha de se apresentar em outros termos para o eleitorado. E no entanto, apareceu da mesma forma: derrotar a direita e a opção era o centro e o centro direita. Mesmo na eleição para a Constituinte o povo não votou maciçamente na esquerda. Votando nos governadores e senadores do centro e centro direita o eleitor se encaminhava para a mesma linha de atuação política em relação à Constituinte. Ele vinculou o voto. Mas acho que a derrota das esquerdas é artificial, não expressa realmente o sentido do eleitorado no Brasil, o sentimento geral que continua progressista. O processo eleitoral foi muito confuso e restritivo.

A CLASSE: Por que? **JOÃO AMAZONAS:** No Brasil aparece um fenômeno eleitoral que devemos levar em conta porque tem fundamento. É o voto em branco, 47% do eleitorado no Brasil votou em branco ou anulou o voto que se refere à Constituinte. Esse setor do eleitorado, que na minha opinião deve ser um setor mais progressista, que vota mais na esquerda, não votou. Por que não votou? Primeiro, devido à poderosa influência do poder econômico. Talvez na história do Brasil nós não tenhamos uma eleição tão corrompida, em que a corrupção tenha sido empregada em tão vasta escala como nessas eleições. Mas não é só isso. Essas eleições foram programadas e muito bem organizadas por quem tinha interesse nesse resultado. Foram criadas dificuldades para votar. A massa de eleitores no Brasil não conseguiu votar com a pressão do TSE que exigia ficar só um minuto na cabine. O eleitor marcava o X para

governador e para senador, não tinha mais tempo de sufragar os constituintes. Uma votação complexa, toda uma complicação para o eleitor votar levava a grande massa de eleitor a não votar, a votar em branco ou anular seu voto. Além do mais, o Congresso tomou a decisão de permitir o voto ao analfabeto e a Justiça Eleitoral não levou em consideração. Não foi dada opção para o analfabeto votar. A cédula era a mesma para o alfabetizado e o analfabeto. Acho que há outros fatores. As opções se relacionam ainda com a organização das eleições pela Justiça Eleitoral. O que essa justiça eleitoral fez para isolar as forças de esquerda e as forças populares no processo eleitoral não está escrito. Ou melhor, está escrito nos documentos oficiais. A Justiça Eleitoral começa por fazer todo o esforço para impedir a coligação. Nesse sentido, extrapolou a sua função. Não só

para que as forças evoluam de maneira natural para um processo mais democrático. Nessa ocasião, ele já fecha barreiras. Desaparece a transição democrática. Passamos a ter um governo como foi analisado no documento aprovado pela reunião da Direção Nacional do Partido, realizada em março, em Brasília. É um governo de centro que se inclina para a direita. Essa foi a classificação que nós fizemos do governo Sarney em março, quando na nossa opinião termina a transição democrática. Mas, é um governo que não quer perder o apoio popular. Ele faz um esforço muito grande para contar com esse apoio, que se torna cada vez mais difícil. Essa caracterização que fizemos em março é correta em todos os aspectos e foi comprovada ao longo desses meses de evolução da política governamental.

A CLASSE: Sendo um governo de centro direita, que setor da

enormemente o Partido e o colocam num plano bastante elevado, que são os resultados no Rio de Janeiro e na Bahia. Em termos absolutos, a votação do Partido no Rio de Janeiro é a maior votação que alcançamos nessas eleições. Computando os votos que nos foram roubados ou anulados, tivemos cerca de 120 mil votos. Os nossos candidatos, a deputado federal e a estadual, estouraram na votação. A Jandira oficialmente teve 92 mil votos, mas bem contados a Jandira teve mais de 100 mil votos no Rio. Todo mundo reconhece isso. Foi a candidata mais votada na esfera estadual. Os resultados das eleições no RJ colocaram o Partido em grande destaque. Na Bahia, elegemos dois deputados federais. E dois deputados estaduais. O resultado da Bahia é também uma grande vitória do Partido. Reafirmamos a nossa liderança e crescemos. São as duas grandes vitórias de nosso Partido que nos dão um destaque no resultado geral da eleições.

A CLASSE: São só essas vitórias?

JOÃO AMAZONAS: Não. Considero também uma vitória a eleição de Eduardo Bonfim em Alagoas. Porque aí a representação estadual é pequena: apenas nove deputados. Em Alagoas, os dois grandes partidos se dividem: um leva 4 outro leva 5. São currais eleitorais, são os usineiros, gente que é dona do eleitorado há muito tempo, e entrar aí, quebrar esse obstáculo e eleger um deputado federal, é um grande êxito. Parece-me que a eleição do Aldo Arantes em Goiás é uma grande vitória. Se considerarmos que Goiás é um Estado onde a reação é muito forte, onde há uma batalha de vida ou morte, envolvendo jagunços nas campanhas eleitorais, onde foram feitas declarações como a do ex-secretário de Segurança que disse "Aldo nunca mais será eleito", quer dizer, nesse quadro, a eleição do Aldo pode ser considerada numa vitória política importante. A eleição de um deputado federal em Minas, também é uma grande vitória do Partido.

A CLASSE: E em outros Estados?

JOÃO AMAZONAS: Na performance do Partido há um outro tipo de vitória que não se expressa na eleição, mas que devemos considerar. Por exemplo, tivemos no Rio Grande do Sul, ao todo, 34 mil votos. No Rio Grande do Sul não conseguimos coligação porque o PMDB não permitiu. Lançamos candidatos a deputado federal simplesmente para usar a televisão, porque o quociente era alto, mas o resultado da campanha eleitoral de nosso partido é altamente positivo. Não é uma vitória de territórios conquistados, mas é uma vitória de passos adiante na nossa atuação. Tem casos como o do companheiro que é vereador em Caxias. Foi o mais votado de nossos candidatos. Duplicou a votação. Temos companheiros como o presidente regional do Partido, que foi o nosso segundo mais votado, teve mais de 6 mil votos. Somente em dois municípios o Partido não foi votado. Isso é interessante: em 244 municípios só em dois municípios não apareceram votos para o Partido.

Temos o episódio de Santa Catarina. Ali nós temos um Partido pequeno, com muitas dificuldades ainda na sua formação. Nosso candidato, um jovem combativo, pouco conhecido, aparece como um fenômeno político: teve 16 mil votos. Devemos ou não computar isso aí ao nosso ativo? Sem dúvida nenhuma é um êxito, apesar de não ter eleito o candidato. No Espírito Santo, não havíamos conseguido eleger nunca um deputado estadual, conseguimos agora. No Ceará, onde dificilmente se poderia conseguir alguma coisa, o Partido duplicou sua bancada, elegeram seis deputados e o que é significativo. Temos dois resultados que destacam



João Amazonas analisa o resultado eleitoral e a conjuntura política.

legislou, interpretou a lei da maneira que quis. Em segundo lugar, a questão do tempo de televisão. Fizeram-se as maiores manobras nesse sentido e acabou nessa coisa estranha: os partidos democráticos, os partidos de esquerda em geral, tinham um tempo limitadíssimo em relação com o tempo dos outros partidos. Quer dizer, na propaganda em massa levavam vantagem as forças de centro e centro direita. Além do mais, a Justiça Eleitoral tomou uma decisão absurda de que só o candidato poderia aparecer na televisão. Nem os dirigentes dos partidos que concorriam às eleições podiam aparecer na televisão. Isso é uma medida casuística e antidemocrática. Por outro lado, a Justiça Eleitoral dizia que a metade do tempo tinha que ser para os constituintes e que se devia dividir o tempo, etc. Mas isso não foi obedecido. Aqui em São Paulo, em uma série de programas de TV e do Rádio, só falava o candidato conservador mesmo. No terreno da propaganda mais geral a Justiça Eleitoral tomou medidas que favoreciam os partidos de centro e centro direita, dos ricos, e que tolhiam ao máximo a propaganda dos pobres. Se a gente toma em consideração todos esses fatores chega-se à conclusão de que esse resultado não é acidental.

A CLASSE: Como esse resultado se relaciona com o processo de transição da "Nova República"? **JOÃO AMAZONAS:** Depois da ditadura militar temos um governo que apareceu no seu início como um governo de centro, que procurava se aproximar dos setores populares, um governo chamado de transição. Nossa opinião é que a transição democrática no Brasil terminou já há muito tempo. Terminou em fevereiro deste ano, quando o governo Sarney resolveu recompor o Ministério, ter uma orientação própria. Nesse momento desaparece o que se chama transição democrática. Já não está abrindo caminhos

certa vitória.

Em Minas, lançamos um candidato a senador, Sérgio Miranda, que obteve cerca de 90 mil votos. No total nós tivemos em 82 cerca de 470 mil votos. Nestas eleições, tivemos ao todo uns 750 mil votos. Isso tudo não pode deixar de significar certa vitória do Partido. Nosso Partido não é um partido em declínio, é um Partido em ascensão, um Partido que vem avançando e isso nós devemos considerar como muito importante.

A CLASSE: No entanto nós sofremos alguns reveses sérios. **JOÃO AMAZONAS:** É verdade. Tivemos algumas derrotas. Em 82 tivemos 112 mil votos em São Paulo. Nestas eleições tivemos apenas 92 mil votos. Se em outros lugares o nosso avanço não deu para conquistar posição, em São Paulo nós cedemos posição ao inimigo de classe, porque não elegemos nem o deputado federal nem o estadual que tínhamos. A derrota do Aurélio, um deputado que já vinha de duas legislaturas, é uma derrota política séria. Aurélio teve 63 mil votos em 82, conseguiu uns 12 mil e poucos votos nestas eleições. O Cintra, que teve uma votação até maior que a do Aurélio em 82, teve apenas 4 mil e poucos votos agora.

Em segundo lugar, sofremos uma derrota de certa importância em Pernambuco. Porque tínhamos um deputado estadual, o Luciano, que teve uma atuação parlamentar brilhante, e não conseguimos elegê-lo para a Constituinte. No Pará sofremos uma derrota em outro nível. Tínhamos um deputado estadual, o Paulo Fonteles, também bom parlamentar, um homem de grande influência política, não conseguiu se eleger como deputado federal e nós não elegemos deputado estadual. **A CLASSE:** Por que o Partido sofreu essas derrotas? Elas eram inevitáveis? **JOÃO AMAZONAS:** Creio que não. Há derrotas que são frutos de causas objetivas, das contingências eleitorais, mas há outras que são erros políticos nossos. A derrota eleitoral em São Paulo é um erro político. Em São Paulo o Partido nem coligou nem concentrou, predominou a dispersão, se cometeram sérios erros em matéria política. Resistiu-se, em boa parte, à orientação da Direção Nacional. Isso se acopla como situação desorganizada do Partido e deu nesse resultado que aí está. Vamos examinar também as causas de derrotas parciais nos outros lugares.

A CLASSE: Você acha que o anticomunismo, muito usado pela reação, vingou?

JOÃO AMAZONAS: O inimigo apregoa que a legenda do Partido tira voto, mas o que essa eleição mostrou foi que a legenda do Partido é mais forte do que a do PMDB para os comunistas. Concorremos fundamentalmente com a nossa própria legenda. O uso parcial da legenda do PMDB se deve a contingências eleitorais do período anterior à legalidade do Partido. Os exemplos são irrefutáveis. No Paraná a nossa candidata pelo PMDB teve 13 mil votos e o candidato a senador, pelo PCdoB, teve 27 mil votos. O nosso candidato de Minas, pelo PMDB, teve uns 40 mil votos e o nosso candidato a senador pelo PCdoB, teve uns 90 mil votos. No Acre, nós lançamos também uma candidata ao Senado, pelo Partido. Teve tantos votos quantos o nosso candidato a deputado federal pelo PMDB. Em Goiás, um camponês, que não foi à televisão, não fez campanha, e concorreu pela legenda do PCdoB ao Senado, só para efeitos legais, teve 30 mil votos. Em Santa Catarina vê-se outro exemplo concreto disso. Isto significa que é preciso trabalhar mais com a legenda do Partido, que é preciso ter confiança e ver que essa é a grande bandeira de esperança, de modificação, que o eleitorado pode ter.

Em suma, o PCdoB, em que o nosso resultado foi o mais favorável, avança e ganha influência política no país. É uma força em ascensão.

PC do B Avança com Resultado em Goiás

O Partido Comunista do Brasil alcançou significativa vitória em Goiás. Elegeu Aldo Arantes à Assembléia Constituinte, além de ter obtido cerca de 30 mil votos para sua candidatura ao Senado e 21.500 votos para a chapa de candidatos à Assembléia Legislativa do Estado. O Secretariado do Diretório Regional aprovou documento analisando a campanha.

Com uma frente de mais de 400 mil votos, a vitória de Santillo ao governo do Estado significa a vitória das forças democráticas e progressistas de Goiás. As velhas famílias oligárquicas e demais forças reacionárias, alojadas no PDC, PFL, PTB, PDT e aglutinadas em torno da candidatura do coronel Mauro Borges, foram fragorosamente derrotadas.

O governo Santillo poderá representar um avanço da prática política em nosso Estado. Contudo, não devemos alimentar ilusões com relação ao futuro governo, seja pelo seu caráter de classe, seja pelas contradições das alianças que elegeram Santillo governador.

Tática Correta

A decisão do nosso Partido de não lançar candidato próprio ao governo do Estado se mostrou acertada. O trabalho e o voto dos comunistas se incorporaram aos anseios e à luta das grandes massas para derrotar a tentativa de volta ao passado. Nossa tática estava, portanto, em sintonia com as aspirações do povo. Ao contrário de outras forças políticas, que como diversionistas colocaram seus interesses menores em primeiro plano, nosso partido teve independência e maturidade política para adotar uma posição justa.

Também foi correta a política de nosso Partido de apoiar apenas Iram Saraiva, do PMDB, para o Senado, negando seu apoio a Irapuan. Nosso candidato ao Senado, Gercino Paulo dos Santos, mesmo sem muita propaganda e com uma campanha apenas residual, obteve cerca de 30 mil votos, o que não deixa de ser um êxito marcante.

Maioria Conservadora na Constituinte

Se a vitória de Santillo significou um avanço, a eleição dos representantes à Constituinte significou um passo atrás em relação à bancada federal anterior. Os Constituintes eleitos são na sua quase totalidade, representantes do latifúndio e ricos empresários. Vários são antidemocráticos e anticomunistas, inimigos das massas e das liberdades. São poucas as exceções, destacando-se entre estes Aldo Arantes, eleito com o esforço dos comunistas e setores mais progressistas do estado.

Prevaleceu em larga escala a influência do poder econômico, a corrupção eleitoral, a compra de votos, a prática do curral eleitoral. Aldo Arantes é o único constituinte eleito por uma campanha popular, sem compromissos ou vínculos com o poder econômico.

A eleição de Aldo Arantes deve-se essencialmente ao trabalho abnegado de nosso Partido, ao movimento popular, ao apoio de amigos e simpatizantes do Partido.

Aldo Arantes, reeleito deputado federal em Goiás

Saldos Positivos

Houve renovação na Assembléia Legislativa. A esmagadora maioria dos eleitos são interioranos, ligados aos esquemas das prefeituras e do poder político das respectivas regiões. Grande parte dos eleitos são conservadores, existindo um certo número de democratas e até progressistas. Nosso partido conseguiu praticamente eleger Edmundo Galdino, que obteve a 1ª suplência, e já é evidente que assumirá o mandato logo de imediato.

Embora não tenha conseguido eleger nenhum deputado estadual pela sua própria legenda, o PCdoB sai deste embate com saldos positivos. Pela primeira vez em 40 anos, lançou candidatos pela sua própria legenda, fez ampla divulgação de suas propostas, particularmente de suas teses para a Constituinte, e ao utilizar com criatividade o pequeno tempo no horário gratuito no rádio e na TV, divulgou com eficácia para milhões de goianos suas propostas e sua política. Seus candidatos fizeram amplos contatos com as massas. No quadro das dificuldades existentes nossa votação foi expressiva: 21.500 votos. Porém, esta votação foi insuficiente para conquistar uma vaga, devido à legislação antidemocrática em vigor.

A campanha cumpriu o papel de apresentar o Partido para milhões de goianos e introduzi-lo definitivamente como força emergente no cenário político do Estado. A nossa votação é expressiva, tendo em vista nossa pequena estrutura. Nossos dois candidatos mais votados, Denise e Euler, tiveram respectivamente, mais votos que os dois mais votados e eleitos do PT.

Eleição de Aldo: Grande Vitória do Partido

O Partido sai da campanha eleitoral em Goiás vitorioso, uma vez que o principal objetivo estabelecido foi cumprido: a eleição de Aldo Arantes à Assembléia Nacional Constituinte. Contudo precisamos abordar alguns problemas.

A votação de Aldo ficou aquém de nossas expectativas. Fizemos uma estimativa irreal, acima das possibilidades concretas. Além disso, houve subestimação quanto ao cerco que os setores conservadores e reacionários realizavam contra a candidatura de Aldo, dificultando alianças e apoios. Subestimamos também o real peso do poder econômico, dos candidatos de esquemas bilionários.

O nosso erro mais grave foi quanto ao descuido da política de alianças para romper com o cerco da reação, que a todo custo tentava isolar e derrotar a candidatura Aldo. Deveríamos ter, mesmo antes da deflagração da campanha eleitoral, aplicado maiores esforços para fortalecer não só o Bloco Popular do PMDB mas também ter feito articulações com os setores mais avançados do PMDB, visando criar um poder de pressão sobre os candidatos majoritários, de modo a garantir apoio e espaço

para este segmento. De certa maneira ficamos por demais confiantes nas próprias forças do Partido e nas áreas do movimento popular onde temos influência.

A Campanha Anticomunista

Em Goiás, não levamos em devida conta a grande campanha anticomunista, voltada contra os nossos candidatos e principalmente contra nosso candidato à Constituinte. Tal campanha foi desencadeada pelo latifúndio e outros setores reacionários da sociedade goiana, e levada à prática principalmente por seitas religiosas e setores da Igreja Católica. Propagandearam sistematicamente às massas que, se eleitos fossem, Aldo Arantes e demais comunistas iriam queimar Bíblias e Igrejas.

Virtudes e Defeitos do Partido em Goiás

Da grande batalha de novembro de 86 nosso Partido sai vitorioso. Mesmo diante de uma tarefa muito superior às nossas forças, atuando no limite máximo de nossa capacidade.

Isto foi uma exigência da realidade e da política a que nos propusemos. As nossas metas eram ousadas e complexas. Não havia, entretanto, outro caminho. Se tivéssemos objetivos mais modestos, de eleger apenas Aldo e Edmundo, os votos recebidos pela legenda e sua afirmação entre as massas não teriam atingido o nível que conseguimos. Não poderíamos permitir que a legenda revisionista do PCB tomasse a dianteira aos olhos da opinião pública como agremiação portavoza dos comunistas goianos. Fomos vitoriosos, tivemos mais de quatro vezes a votação por eles obtida.

Se não tivéssemos sido audazes, colocando em tensão todas as nossas forças, nosso Partido não teria o desempenho que teve, não teria sido a terceira força política que mais conquistou êxito, ficando atrás apenas do PMDB e da coligação MDG. Considerando que a disputa da Constituinte era mais importante, com a eleição de Aldo ficamos à frente do PT e do PDS. Tal afirmação vem da certeza de que tanto a eleição de Aldo como a de Edmundo são conquistas e patrimônios de nosso Partido.

As falhas que cometemos, de cuja responsabilidade o Secretariado Regional não se exime, associadas às dificuldades que nos foram impostas pela realidade, não comprometem a vitória que alcançamos.

A participação dos comunistas nesta eleições evidenciou nossas qualidades e nossos êxitos acumulados. Mas simultaneamente nos apresenta uma radiografia de nossa real força, nossas debilidades e os desafios entre a influência política do Partido e sua estrutura orgânica, a debilidade dos nossos organismos partidários. De forma gritante a realidade nos aponta quanto o Partido ainda é pequeno, o diminuto número de quadros e militantes mais aguerridos, e ainda, o baixo nível teórico reinante, exigindo uma dedicação imediata e intensa na tarefa da construção de um Partido grande, dotado de boa formação política e ideológica, capaz de dar respostas à altura para os desafios ainda maiores que a História nos colocará.

Edson Silva

Partido obtém conquista no Sul

O camarada Edson Silva, presidente do Diretório Regional do Partido no Rio Grande do Sul, foi coordenador da nossa campanha no Estado e candidato a deputado federal constituinte pela legenda do PC do B. Nesse artigo ele fala do novo quadro político no Rio Grande do Sul e analisa a performance eleitoral do Partido.

Será possível fazer as mudanças prometidas pelo PMDB durante a campanha? Fez-se muita demagogia - PMDB, PDT, PDS e PFL prometendo "salvar o Rio Grande". O Estado não é uma ilha, e que pese sua crise ter alguns componentes próprios. Mas fundamentalmente a crise do Rio Grande do Sul é consequência da crise econômica brasileira. O Estado está subordinado ao modelo econômico nacional, subordinação mantida pelo centralismo político do governo central, na velha e na Nova República.

O governador eleito, Pedro Simon, é um político vacilante, mas também tem como marca o fato de que esteve na oposição durante muitos anos. É partidário das causas democráticas e progressistas e de alguma forma tem-se empenhado por elas. Pode, assim, dirigir o Estado diferentemente do que foi até agora.

A meu ver, seu governo será fortemente assediado pelas classes dominantes gaúchas que desde a campanha eleitoral tentam cooptá-lo. Será um governo, de um lado, comandado por quem tem tradição no campo das forças democráticas e sensível às pressões do povo; e, de outro, um governo assediado pelos conservadores e a burguesia em geral. Dele devemos exigir que seja uma força na luta pelas reivindicações patrióticas e populares.

O grande derrotado nas eleições gaúchas foi o PDT. Perdeu 2 vagas na Câmara Federal e 3 na Assembléia Legislativa. Fez uma espúria aliança com o PDS, sofrendo retumbante fracasso.

A Performance do Partido

Segundo dados não confirmados oficialmente, fizemos cerca de 28 mil votos. Um resultado baixo, bem abaixo, do que esperávamos, na projeção mais modesta. A projeção ia da eleição de um dos nossos candidatos a uma votação numericamente expressiva.

A que se deve o resultado alcançado? Penso que fomos vítimas do que nosso Partido denunciou ao longo da campanha eleitoral: a secundarização da eleição para a Constituinte, fruto da ação dos chamados grandes partidos, que concentraram tudo na sucessão estadual. Reflexo disso é o elevado número de votos em branco e nulos, num total de 1.083.475 para a Câmara Federal, ou 22,4% dos votos apurados. Boa parte desses votos brancos e nulos representaram um protesto do eleitor, que não quis votar nos partidos

tradicionais. Como não tivemos suficientes condições materiais, recursos humanos e espaço na imprensa para chegar com expressão a essa massa de eleitores, apresentando-lhes nossas propostas, deixamos de ser para eles uma alternativa.

Visto isso, trata-se de identificar em que acertamos, em que erramos e verificar que saldo temos.

Nossa tática eleitoral foi correta: candidatos à Constituinte concorrendo pela legenda do Partido e lançamento de uma candidata a Deputada Estadual pelo PMDB. Acertada também foi a escolha dos candidatos.

Em que erramos? Ao não mantermos a definição inicial de, prioritariamente, eleger Jussara Cony deputada estadual. Superestimamos nossas possibilidades de eleger um deputado federal. A certa altura da campanha, devido à boa receptividade que a campanha eleitoral da legenda do Partido vinha tendo, o que era um fato natural, definimos num mesmo plano a meta de eleger um deputado estadual e um federal, dando, porém, maior acento à campanha da legenda do PCdoB.

O Partido não tinha condições suficientes para viabilizar essa meta. Além disso, faltaram-nos recursos materiais, daí resultando uma campanha pobre, com pouco volume. Minha intervenção na campanha, como candidatura prioritária, foi mais intensa nos debates sobre a Constituinte, o que era insuficiente para a dimensão que pretendíamos desse pleito. Tive pouco contato com a massa e ainda assim, restrito a Porto Alegre.

Não houve campanha de massas na intensidade de que se precisava. E assim foi porque os recursos eram limitados e, mais ainda, porque o Partido ainda é pequeno e não tem vínculos profundos com as massas.

Não se pode intervir numa batalha dessa natureza sem aliados de massa. Ainda não compreendemos que política revolucionária se faz com aliados de massa. Lênin diz a respeito: "Só se pode vencer um inimigo mais poderoso quando em tensão todas as forças e aproveitando obrigatoriamente, com o maior zelo, cuidado, prudência e habilidade, qualquer 'brecha', mesmo a mais pequena, de conseguir um aliado de massas, ainda que temporário, vacilante, instável, pouco seguro e oportunista". Quem não compreendeu isto não conseguiu vencer uma palavra de marxismo nem

de socialismo científico, contemporâneo, em geral. Quem não provou na prática, durante um período de tempo bastante considerável e em situações políticas bastante variadas, a sua habilidade para aplicar esta verdade na vida, não aprendeu ainda a ajudar a classe revolucionária na sua luta para libertar dos exploradores toda a humanidade trabalhadora".

As observações críticas aqui feitas têm o sentido de extrair experiência de nossa participação numa atividade política tão importante como foi essa campanha. O resultado eleitoral, número, poderia ser um pouco melhor, se algumas deficiências tivessem sido corrigidas.

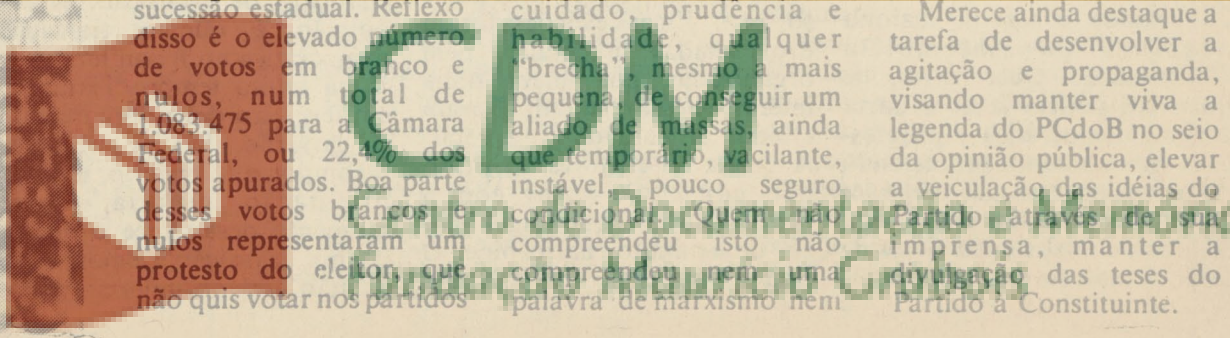
Considerando esses diversos aspectos, a votação do Partido ultrapassou nossas possibilidades postas em prática na campanha. Podemos falar de conquistas. Projetamos a legenda do Partido, que se tornou bem mais conhecida. E, em certo sentido, o Partido se firmou para um bom número de pessoas como um partido que tem propostas. Daí o potencial que revelou ter - só não fizemos votação em 2 dos 244 municípios do Estado. Projetamos lideranças, com elas criando pontos de referência.

Novas batalhas, novas tarefas

Pela importância da atividade política no próximo ano, que vai exigir ampla mobilização de massas, devemos trabalhar pela criação de uma Plenária Popular Constituinte, articulada a nível municipal por partidos políticos e entidades de massas. Essa Plenária deve ser um fórum que mantenha o debate sobre a Constituinte e um instrumento que trabalhe pela mobilização do povo, a fim de que ele possa exercer sua legítima pressão sobre os constituintes.

Temos diante de nós a urgente tarefa de colher os frutos que a campanha nos proporcionou, procurando elevar o nível de organização de nosso Partido, procurando implantar novos Diretórios Municipais e elevando o nível de funcionamento dos organismos de base.

Merece ainda destaque a tarefa de desenvolver a agitação e propaganda, visando manter viva a legenda do PCdoB no seio da opinião pública, elevar a veiculação das ideias de nosso Partido na imprensa, manter a divulgação das teses do Partido à Constituinte.



“Contradições do capitalismo levam à revolução e ao socialismo”

Tem causado impacto e repercussão no movimento comunista mundial e entre diversas forças políticas o informe do camarada Ramiz Alia ao IX Congresso do PTA sobre a situação internacional e a política externa da Albânia socialista. Neste número publicamos a análise sobre a situação internacional. No próximo número publicaremos o trecho do informe sobre a luta contra o revisionismo e a política externa da Albânia.

I- O sistema capitalista e a política imperialista, fonte dos males e perigo para os povos.

Vivemos hoje em um mundo complicado e turbulento, em um mundo cheio de graves conflitos e problemas, onde estão aumentando as ameaças contra a liberdade e a independência dos povos, onde estão se agravando e se estendendo a opressão e a exploração capitalista e imperialista, onde é ainda maior o perigo de guerra.

A origem de todos esses males que o mundo atual sofre, de todos os perigos que ameaçam os povos, é o sistema capitalista e a política imperialista, é a trajetória agressiva das duas superpotências. Corroído por numerosas contradições, debilitado pela luta de classes e pelas lutas revolucionárias e de libertação, incapaz de resolver o desafio desta época, o imperialismo busca saída na guerra, na opressão, no saque, na intimidação e no terror.

Sua grande sede de hegemonia e dominação mundial, seus esforços para obter o máximo lucro da opressão e da exploração dos povos, representam hoje o fator principal de desestabilização das relações internacionais, do surgimento de diferentes conflitos e da crescente insegurança.

Estas tendências vão se acentuando como resultado da grave crise econômica que o mundo capitalista sofre há muito tempo. Todo o sistema econômico burguês e revisionista entrou em um beco sem saída, de tal modo que nenhum meio pode salvá-lo ou encaminhá-lo. As melhoras momentâneas não são sinais de recuperação, mas sintomas de enfermidade crônica. As medidas aplicadas para sair da crise não mudaram, nem podem mudar o curso espontâneo dos processos econômicos capitalistas. O consumo, particularmente o parasitário, passa à frente da produção. Não se consegue frear o déficit orçamentário, a redução dos investimentos e o crescimento da dívida. A alta dos preços neutraliza e se sobrepõe ao crescimento dos ganhos dos trabalhadores. Os preços, os créditos, o câmbio das divisas, flutuam a tal ponto que nenhum controle consegue estabilizá-los.

Outro fator de desestabilização da economia mundial e de suas crises é a política de blocos econômicos fechados e o superprotecționismo que os grandes países industrializados aplicam. A situação ficou mais grave, sobretudo para aqueles países que entram em formações político-econômicas com as metrópoles, que abriram suas portas às multinacionais e a outros organismos neocolonialistas. São os organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial de Desenvolvimento e outros do mesmo tipo, que praticamente definem para muitos países, até nos menores detalhes, a linha da política econômica e financeira que devem seguir, os níveis de produção e consumo que devem estabelecer, os setores da economia que se devem desenvolver e os que se devem sacrificar.

Ao poder e à imposição dos mais fortes não escapam hoje nem sequer os grandes países integrados aos organismos supraestatais do Mercado Comum ou do COMECON. A independência econômica desses países continua limitando-se cada vez mais, da mesma forma que recrudescem a opressão e a exploração das massas por parte dos monopólios do país e dos chamados sócios.

A crise econômica aumentou enormemente as contradições entre as potências e os grandes agrupamentos imperialistas, Estados Unidos da América, Japão, Mercado Comum Europeu e COMECON. Entre eles ocorre uma luta encarniçada em relação às medidas protecionistas, os juros bancários, o câmbio de moedas, os mercados de vendas, etc.

A questão da dívida se converteu hoje em um dos problemas mais



Camarada Ramiz Alia lê seu relatório no congresso

que representa os pontos de vista e os interesses particulares da casta militarista desse país. O certo é que nos EUA e na União Soviética, a economia, a política e a ideologia estão fundamentalmente submetidas aos preparativos de guerra geral e de guerras locais.

O imperialismo americano representa hoje a maior potência política, econômica e militar capitalista e também a mais agressiva de nosso tempo, o principal escudo do sistema burguês, o centro mundial da reação internacional. É o inimigo mais feroz da revolução, do socialismo e do comunismo. A violação dos direitos soberanos dos povos, a agressividade e a brutalidade desafiadora, a violação das normas e dos direitos internacionais e o desprezo à opinião pública, constituem os traços fundamentais de sua política externa. Durante a administração Reagan, seu aventureirismo não conhece limites.

O aumento sem precedentes durante estes últimos anos do poderio militar e a modernização do arsenal de armas estratégicas, o fortalecimento da OTAN e dos demais blocos econômicos e militares, a instalação de mísseis na Europa Ocidental, a expansão das bases e da presença militar em todos os oceanos e continentes, assim como o objetivo de estender sua presença no espaço, são a expressão da crescente trajetória militarista dos EUA e de seus esforços por estabelecer sua hegemonia em todo o mundo.

Paralelamente à expansão das bases militares, ocorrem também a exportação de capitais, os empréstimos de bilhões de dólares e as altas taxas de juros bancários, a elevação do dólar quase à posição de moeda monopolizadora nas transações internacionais. As relações econômicas americanas com o exterior se transformaram praticamente em meio de saques e exploração dos povos e de diversos países soberanos, de subjugação econômica e política.

Os Estados Unidos da América seguem uma política que tende abertamente ao aumento da tensão internacional e em especial à instigação de conflitos regionais entre os diversos países. Pretendem se aproveitar das situações para que os países beligerantes, ameaçados, etc., se dirijam aos EUA pedindo armas, créditos e apoio político, para que se submetam definitivamente a eles.

A agressão militar contra Granada, a aberta intervenção dos marinheiros no

Oriente Médio, a organização de golpes de Estado e de grupos terroristas em diversos países, os bloqueios econômicos e as intervenções militares na Líbia, Nicarágua, etc. são testemunhos do grande perigo que a política norte-americana representa para os destinos da paz e da liberdade dos povos.

Esta política dos Estados Unidos da América não podia deixar de levar ao aumento das contradições com seus sócios. Destes últimos, agora se exige não só colaboração na realização dos planos expansionistas norte-americanos, mas também uma maior submissão à nova estratégia política, econômica e militar de Washington.

Os socialimperialistas soviéticos estão acentuando sua trajetória hegemônica. A política exterior soviética está adquirindo um caráter cada vez mais agressivo e belicista, que se manifesta no fortalecimento de sua máquina militar e no uso da força para alcançar objetivos expansionistas. Os socialimperialistas soviéticos, igual aos imperialistas norte-americanos, estão aparecendo abertamente com uma plataforma internacional que encarna suas ambições e pretensões de domínio e hegemonia em escala mundial.

A política de Reagan os ajuda a justificar perante a opinião interna, a militarização da economia e ao mesmo tempo, a impor a seus aliados a intensificação da presença militar soviética em seus países. Os socialimperialistas soviéticos, que aspiram à dominação do mundo, não podiam aceitar a ruptura do equilíbrio com a América, ainda mais levando-se em conta que eles mesmos estão sempre pretendendo criar sua supremacia militar. Por isso, também na União Soviética se ampliou e intensificou a indústria bélica em detrimento da indústria civil e do nível de vida do povo. Por outro lado, a política soviética se encaminhou para ocupações militares, como ocorreu no Afeganistão, que é um preparativo para levar a cabo novas expansões nessa região. A União Soviética também se converteu em um grande traficante de armas, competindo com os Estados Unidos da América e não fica atrás na instigação de conflitos e na criação de uma atmosfera carregada de ameaças no mundo.

A confrontação americano-soviética constitui hoje uma das mais fortes expressões das contradições interimperialistas. Está transformando o mundo em um campo de batalha, onde cada superpotência trata, com todas as suas forças, de assegurar a hegemonia política e o domínio econômico em todos os continentes. Atualmente não há nenhum país que de uma forma ou outra, não esteja ameaçado por esta confrontação, não há nenhum povo cuja liberdade, independência e soberania não esteja em perigo. São poucos os aspectos das atuais relações internacionais que não levam a marca dessa confrontação e não sofrem suas consequências. Esta não só é a causa da maioria das tensões e conflitos existentes hoje no mundo, como também é o principal fator de perigo para a paz e de solapamento da segurança geral.

Os povos não podem nem devem tolerar que seus países se convertam em objeto desta rivalidade, nem tampouco em campo de batalha das duas superpotências.

Para defender os interesses da liberdade e da independência dos povos, evitar a guerra e garantir a paz, realizar os ideais revolucionários e democráticos, é necessário que todos se oponham firme e resolutamente ao imperialismo e desmascarem a política

agressiva e os planos de escravização das duas superpotências.

A experiência histórica tem demonstrado e a prática atual confirma que, tanto o recuo ante as pressões dos imperialistas como as ilusões sobre a possibilidade de que sua política seja corrigida, têm causado grandes danos à liberdade e à soberania dos povos, à segurança internacional.

II- As contradições da sociedade capitalista levam à revolução e ao socialismo.

O capitalismo atual, tal qual o antigo, provou que não está em condições de remediar nenhuma de suas chagas. O modo capitalista de produção e distribuição, a sede de lucro máximo e a ideologia da exploração do homem trabalhador até a medula, têm levado à degeneração ainda maior da sociedade burguesa e de suas instituições políticas e sociais, a uma maior degradação das relações humanas.

A revolução técnico-científica, que caracteriza nosso tempo e conduziu a um grande crescimento da produção e dos bens materiais, não só não influiu na atenuação das contradições internas e externas do capitalismo, mas a aprofundou e exacerbou ainda mais. Surgiram novos e graves fenômenos de degradação e degeneração, que estão levando à alienação do homem, de sua natureza e de sua atividade.

O desemprego, em uma ou outra medida, é um mal endêmico dos países capitalistas. Porém, hoje abrange uma tão grande parte da força de trabalho, que seu número só se compara ao das maiores crises econômicas. Atualmente há dezenas e centenas de milhares de pessoas que nascem e morrem sem saber o que é o trabalho. Outros milhões vivem de esmolas e migalhas que sobram da superexploração de seus companheiros.

Foi criada uma nova/camada social com os chamados marginalizados da sociedade, surgindo daí o mundo do crime, dos drogados e dos incapazes, da prostituição etc. É uma criação do sistema capitalista, que com seu peso crescente influi na degeneração total da sociedade.

A delinqüência comum aumentou e atinge com sua ação toda a atividade social. O banditismo de tipo mafioso penetrou profundamente no aparelho estatal e financeiro, nos partidos políticos e em todos os setores que controlam os destinos do país. O terror organizado se converteu em um mecanismo complementar para reprimir e extorquir o povo, afastá-lo da luta cotidiana por seus direitos democráticos e evitar revoltas legítimas contra o sistema capitalista.

A burguesia está difundindo intencionalmente o fatalismo ante esses fenômenos e o sentimento de impotência para enfrentá-los e vencê-los. Trata de infundir nas massas trabalhadoras medo e insegurança e colocar seu ódio e sua luta não contra o sistema social que os criou, mas contra suas vítimas. Estas chagas não são consequência da civilização, como pretende a burguesia, mas uma arma utilizada por ela para destruí-la.

O fosso entre a classe operária e a burguesia se aprofundou e se aprofunda cada vez mais. As contradições entre o trabalho e o capital aumentam ainda mais. A opressão e a exploração capitalistas se estenderam à maioria absoluta da população. Os esforços da burguesia para descarregar o peso da crise

Comício de encerramento do congresso e comemorativo ao 45º aniversário de fundação do PTA, na praça principal de Tirana

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

econômica sobre as costas dos trabalhadores os levam ao desespero. Tudo isso tem conduzido a um aumento dos protestos das amplas massas trabalhadoras em todos os países capitalistas. Multiplicam-se as greves econômicas e as manifestações políticas das classes e setores sociais oprimidos, que protestam contra o desemprego, a carestia de vida, a inflação e exigem a segurança de ter trabalho, a manutenção do nível de vida alcançado, o aumento dos fundos sociais destinados ao ensino, à saúde, à aposentadoria, etc. Lutam contra a ofensiva da burguesia e do seu Estado, a fim de defender a liberdade e os direitos democráticos conquistados, contra a dominação das multinacionais e dos organismos internacionais que ferream a independência e a soberania nacional, contra a corrida armamentista e o perigo de guerra.

Nestas batalhas de classe se desenvolve e se tempera a classe operária, sua consciência política e sua organização revolucionária se afirmam. Nesse processo de luta, a classe operária compreende melhor quais são seus inimigos, quem entrava e sabota seus esforços, quem a divide e semeia a discórdia em suas fileiras. Compreende melhor o papel oportunista dos partidos burgueses da classe operária, da social-democracia, dos revisionistas e demais oportunistas, vê como os sindicatos dirigidos por eles tratam de enganá-los com promessas e adormecê-los, de paralisar sua revolta e sufocar seu ímpeto revolucionário.

Porém, os esforços da burguesia e de seus lacaios não podem manter eternamente oprimidas, debilitadas e enganadas a classe operária e as demais massas trabalhadoras. As leis objetivas do desenvolvimento da sociedade humana não podem mudar nem com violência nem com propaganda. A história confiou à classe operária a missão de converter-se no túmulo do capitalismo, de dirigir a revolução e construir a nova sociedade, a sociedade socialista. Todas as contradições da sociedade capitalista levam à revolução e ao socialismo. Só a revolução do pode resolver estas contradições, só ela pode salvar a classe operária e toda a humanidade do sistema capitalista de opressão e exploração, de violência e terror, de guerra e extermínio.

Durante sua evolução a sociedade humana desenvolveu uma grande luta para passar da barbárie e do fatalismo à civilização, à atividade consciente, à violência e da opressão à liberdade e à democracia. O capitalismo, do qual não restou nenhum dos seus impulsos progressistas iniciais, trata de fazer retroceder a sociedade humana.

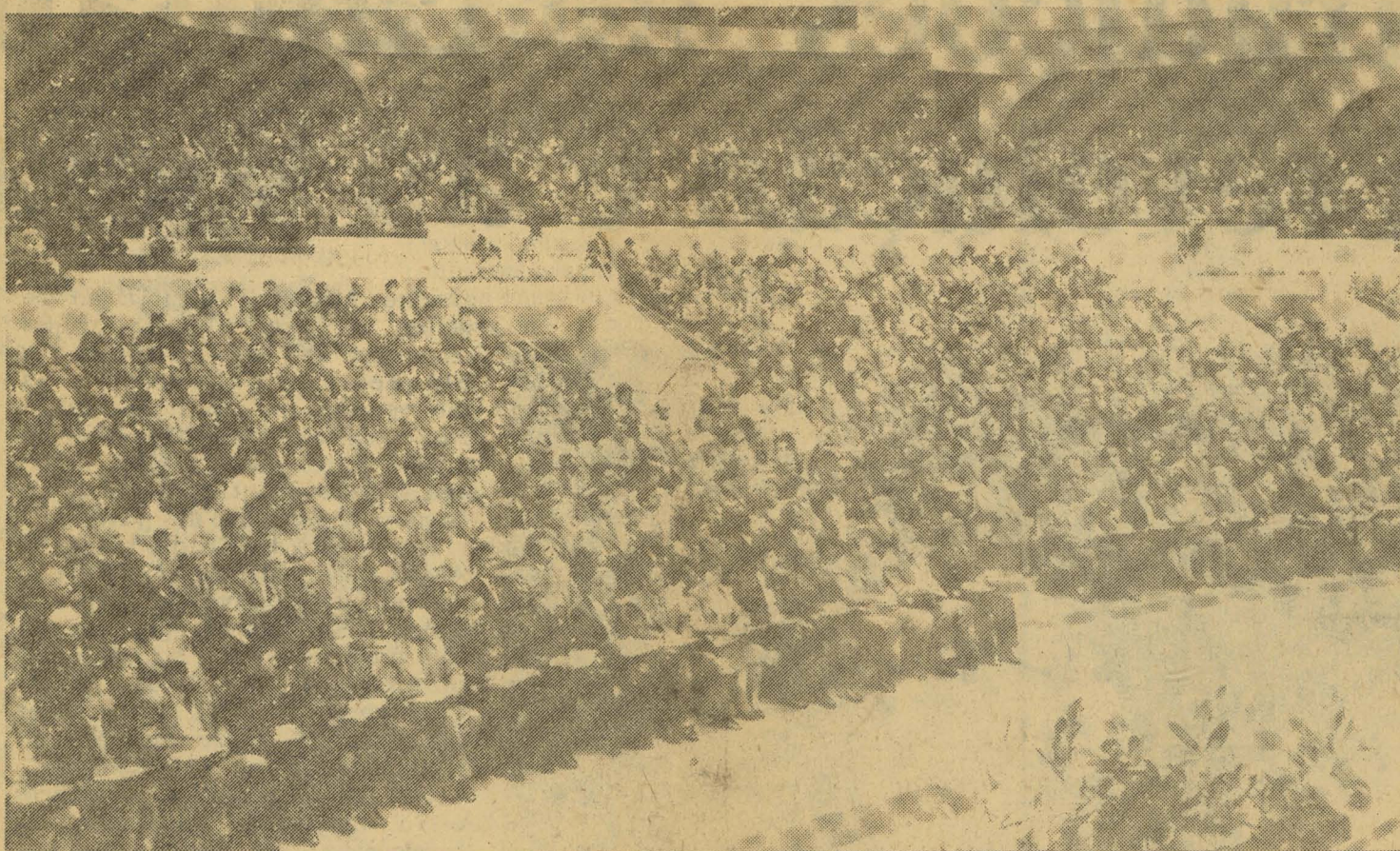
Hoje somos testemunhas de uma ofensiva geral contra os direitos democráticos e as liberdades individuais, de uma verdadeira agressão ideológica e propagandística da burguesia para destruir as boas tradições, a cultura progressista, o mundo espiritual dos homens e transformá-los em simples robôs produtivos.

O terrorismo, que se converteu em fenômeno muito preocupante, adquiriu uma extensão ampla no mundo. Todos falam nisso, mas os que mais gritam são o imperialismo norte-americano e os que lhe fazem coro.

O terrorismo suscita nas amplas massas do povo simples temor e pânico, insegurança e fatalismo, mas também ódio e indignação. A questão é saber quem instiga e quem é responsável pelo terrorismo atual e contra quem devem os povos dirigir sua cólera e sua rebelião.

Como fenômeno social, o terrorismo é produto da crise e da degenerescência da sociedade burguesa, da decadência e da degradação moral de um número cada vez maior de pessoas que vivem na miséria e no desespero. Como ação política e concepção ideológica, o terrorismo é resultado de uma desesperança cega e da completa desilusão de indivíduos concretos que perderam a perspectiva ante a grave opressão capitalista e a violência imperialista.

Em um período de grave crise do sistema capitalista e de aumento da rebelião das massas, interessa à burguesia identificar o terrorismo com a luta revolucionária do proletariado,



Vista geral da plenária no novo Palácio dos Congressos, em Tirana

a fim de criar a impressão de que também os verdadeiros patriotas, revolucionários e comunistas que se levantam contra o sistema capitalista, são terroristas e anarquistas, gente que mata e rouba.

Os marxistas-leninistas, os verdadeiros revolucionários e comunistas, jamais aprovaram nem aprovam as desesperadas ações terroristas, as ações anarquistas e as diversas aventuras deste tipo, seja qual for o ideal em nome do qual são realizados, seja qual for a roupagem que se encobrem e a cor que tenham. A revolução nacional, democrática ou proletária não se faz por meio do terrorismo. Os revolucionários são intrínsecos com o terrorismo a nível teórico e prático, rechaçam com repugnância as acusações que lhes faz a burguesia.

A chamada luta contra o terrorismo, proclamada pelo imperialismo, é mais uma máscara para dissimular o terrorismo de Estado elevado a ideologia e a política oficial. O objetivo da burguesia e da reação está claro. Tachando de terrorista qualquer luta revolucionária contra a opressão e a exploração capitalistas, qualquer luta de libertação contra os ocupantes, pretendem declarar ilegítima toda insurreição armada para conquistar a liberdade e a independência, todo esforço para defender a soberania nacional. Querem arrogar-se o direito de utilizar as armas para reprimi-los e sufocá-los.

Os povos não podem aceitar e não aceitarão jamais o terrorismo de Estado do imperialismo, não se submeterão a ele, assim como não se submeteram jamais à violência contra-revolucionária da burguesia. O direito de levantar-se contra a opressão e as injustiças sociais, a lutar de armas nas mãos pela liberdade e pela independência da pátria, é um direito inegável. Nenhuma ideologia, nenhuma política, nenhuma artimanha ou mentira do imperialismo e da reação podem escamotear este direito aos povos.

A burguesia, enquanto fomenta o terrorismo, trata de dissimular a natureza desumana de seu sistema, empreendendo uma ruidosa campanha sobre os chamados direitos humanos e proclamando-se campeã em sua defesa. Porém, de que direitos humanos pode falar a burguesia, quando nos fundamentos das relações sociais do sistema capitalista está a exploração mais selvagem e desumana da esmagadora maioria da população por parte de uma minoria de milionários e multimilionários? De que direitos humanos se pode falar onde dezenas de milhares e milhões de trabalhadores têm direito ao trabalho apenas no papel, quando na prática estão desempregados e vivendo na miséria? De que direitos humanos podem falar os imperialistas americanos e os demais imperialistas que condenaram povos inteiros da África, Ásia, América Latina e outras partes do mundo a viverem nas condições da mais extrema miséria humana? Acaso pode ter direitos

humanos o indivíduo em um país onde não há liberdades nacionais, onde impera o colonialismo e a opressão racial?

Ao imperialismo e à burguesia não interessam esses direitos. O que lhes interessa é transformar os problemas da democracia e da liberdade do homem na sociedade em uma bandeira de sua luta contra o socialismo e o comunismo, em uma prática de intervenção nos assuntos internos das nações livres a fim de submetê-las e subjugar-las. Da mesma maneira que querem transformar e aproveitar a luta contra o terrorismo em favor de seus próprios objetivos contra-revolucionários, especulam com a chamada luta em defesa dos direitos humanos.

Historicamente a bandeira de luta por liberdades democráticas e pelos direitos do cidadão tem sido desfraldada e defendida pela revolução. A Revolução Francesa de 1789 foi a primeira a proclamar publicamente que lutava pela liberdade individual e lançou a famosa consigna "Liberdade, Igualdade, Fraternidade". Esta consigna inspirou numerosos revolucionários democratas na Europa e em todo o mundo ao longo do século XIX. A burguesia abandonou logo essa luta e foi o proletariado quem se transformou no mais resoluto e consequente defensor das liberdades e dos direitos democráticos do homem. Um dos primeiros decretos que promulgou a Revolução de Outubro, com Lênin, foi precisamente a Declaração dos Direitos dos Trabalhadores e do Povo Explorados. Também em nosso país, a primeira reunião do Conselho Antifascista de Libertação Nacional, realizada em Berat, em outubro de 1944, aprovou como primeiro documento a Declaração dos Direitos do Cidadão.

O proletariado, como a classe mais revolucionária e progressista da sociedade capitalista, é a única classe que pode levar até o final a luta pelas liberdades e direitos democráticos. Liquidando a propriedade privada sobre os meios de produção, acabando com a exploração do homem pelo homem e proclamando o princípio do internacionalismo proletário como princípio da unidade dos povos e dos trabalhadores, a revolução proletária assentou as bases da verdadeira garantia das liberdades democráticas para o indivíduo e o coletivo. Isto se comprova na prática em nosso país, onde a revolução e o socialismo trouxeram ao povo a verdadeira liberdade e a democracia, garantiu por lei e na prática os direitos do homem trabalhador, assegurando sua completa emancipação.

Em sua luta contra o sistema socialista e a ideologia comunista, a burguesia monopolista, que tem violado completamente os direitos do homem, também tem sido ajudada pelo revisionismo krushevista, que chegou ao poder depois da morte de Stálin. Caluniando Stálin e desacreditando o sistema socialista, Kruschov e seus seguidores facilitaram à burguesia a utilização da bandeira das liberdades democráticas como arma contra o socialismo. Porém, está comprovado que o anticomunismo jamais foi uma ideologia produtiva. Não levou à ampliação da democracia e à emancipação do homem, e sim à sua redução e ao fascismo.

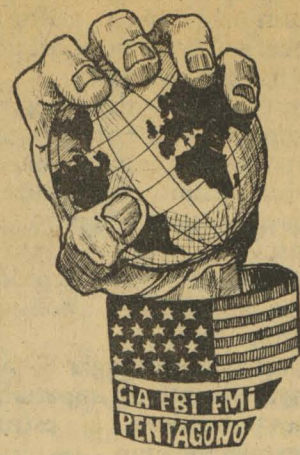
III- O direito dos povos a serem livres e independentes é um direito inegável.

A opressão e a exploração neocolonialistas dos países subdesenvolvidos, de continentes inteiros por parte das superpotências e dos demais países capitalistas desenvolvidos, alcançou em nossos tempos proporções sem precedentes. Nessas regiões aumentou como

nunca a exportação de capital monopolista, do qual se obtém fabulosos lucros. A dívida está estrangulando muitos países e agravou ainda mais o saque de que são objeto e sua dependência. Se em meados dos anos 50 os países em vias de desenvolvimento tinham uma dívida de 6 bilhões de dólares, hoje esta já soma mais de 1 trilhão de dólares. Seu montante vem aumentando da mesma maneira que as perigosas conseqüências que comporta.

As relações econômicas entre os países em vias de desenvolvimento e os países industrializados são completamente desiguais. Os grandes monopólios capitalistas impõem preços baixos para as matérias primas que os países subdesenvolvidos produzem normalmente e preços muito altos para as mercadorias industriais e de consumo que lhes são vendidas. Esta política tende a manter estes países como produtores de matérias primas baratas e mercado de venda lucrativo. O sistema financeiro e monetário internacional, o domínio do dólar e das outras moedas fortes, estabelecido e defendido pelo grande capital mundial, favorece enormemente essa pilhagem.

Os monopólios capitalistas e os grandes centros financeiros cravaram fortemente suas garras em numerosos países subdesenvolvidos e estes já não são mais os verdadeiros donos de sua economia e também de sua vida política. São eles que mandam, os que decidem quem deve estar no poder ou não, colocam e derrubam governos, provocam conflitos internos e externos. A fim de conservarem seus lucros recorrem a todos os meios, à corrupção, à violência, ao assassinato e à compra de dirigentes políticos, inclusive à intervenção armada, quando lhes convém.



O saque econômico e a ingerência política nos assuntos internos destes países vêm acompanhados de uma feroz agressão ideológica e cultural, que tem por objetivo liquidar sua identidade nacional, anular o sentimento de dignidade humana, sufocar suas seculares aspirações à liberdade e à independência, apagar a confiança em suas próprias forças para desenvolver-se e progredir.

A situação dos países em vias de desenvolvimento se agrava ainda mais porque ali se sente mais a rivalidade e a confrontação das superpotências e das demais potências imperialistas para conseguir zonas de influência, mercados, posições estratégicas e bases militares. Os numerosos conflitos nestas regiões são conseqüência direta dessa rivalidade.

Esta ofensiva geral do capitalismo mundial levou a um agravamento da grande contradição de nossa época, que é a contradição entre os povos oprimidos e dependentes e o imperialismo, que encontra sua expressão mais clara na resistência e na luta crescente dos povos contra o domínio neocolonialista.

A estratégia de hegemonismo e domínio mundial das superpotências e dos demais estados com aspirações imperialistas, se contrapõem hoje os grandes esforços dos diversos povos e

nações para defender a liberdade, a independência e as riquezas nacionais, para serem soberanos em seu país, libertar-se do jugo estrangeiro e decidirem eles mesmos sobre suas vias de desenvolvimento. Testemunho disso é a vasta extensão e o crescimento do movimento de libertação e democrático dos povos, que agora já atingiu regiões e zonas inteiras do mundo. O crescente descontentamento e o protesto das massas em países como Haiti, Filipinas, El Salvador e outros, conduziu à revolta popular contra os regimes reacionários. Cresceu e se ampliou a luta do povo afegão para expulsar os ocupantes soviéticos e derrotar o regime títere. O povo do Saara Ocidental está lutando por seus direitos há muito tempo. O povo palestino, não obstante as condições extremamente difíceis, continua com decisão a luta armada por seu regresso à pátria arrebatada por Israel.

O domínio neocolonialista das superpotências e dos demais Estados imperialistas na África está cada vez mais difícil de ser mantido. A rebelião dos povos da África contra a opressão e o saque imperialista e contra as forças reacionárias internas, atingiu um novo patamar. O povo de Burkina Faso conquistou uma vitória importante no caminho da independência. A luta antirracista e anti-imperialista dos povos sul africanos e namibios faz parte da luta de libertação dos povos da África. As manifestações anti-racistas e as sangrentas batalhas com o exército e a polícia da minoria branca da África do Sul, os protestos massivos e as ações armadas destes povos assinalam um crescimento sensível do movimento revolucionário e anti-imperialista para conquistar os direitos democráticos e nacionais.

Apesar do terror feroz, a luta dos patriotas e democratas chilenos contra a ditadura fascista não cessou em nenhum momento. A luta na América Central teve novas evoluções. O povo da Nicarágua, que derrotou a ditadura fascista de Somoza, está enfrentando com êxito a guerra não declarada do imperialismo norte-americano e seus mercenários somozistas.

Diversas forças que aspiram a um desenvolvimento livre e independente se colocaram em movimento em numerosos países da América Latina, África e Ásia contra o sistema de relações neocolonialistas imposto pelas potências imperialistas, que levaram esses países à beira da bancarrota. Estas forças lutam por mudar as relações econômicas internacionais e libertar-se do saque neocolonialista, das dívidas, dos intercâmbios desiguais, das imposições das grandes potências industrializadas. Buscam salvar-se desta grave situação, romper as amarras econômicas e políticas com que as grandes potências os mantêm presos.

Os imperialistas, capitalistas, revisionistas e outros, querem encaminhar essa luta para um caminho errado, mudar seu rumo, arrefecer seu ímpeto. Tratam de difundir ilusões sustentando que a situação dos povos pode melhorar e seus problemas resolver-se mediante a colaboração e o acerto com os opressores e exploradores, ou de criar um espírito derrotista pretendendo que os povos em vias de desenvolvimento não estão em condições de avançar de maneira independente, que a dependência do imperialismo é inevitável.

Porém, os povos não podem deixar-se enganar pela propaganda e pelas manobras do imperialismo, como não devem se amedrontar diante de suas ameaças. São conscientes de que só com luta, audácia e sacrifícios podem libertar-se do jugo imperialista e neocolonialista. O imperialismo ainda parece forte. Possui armas, dinheiro, meios de repressão e dominação. Porém está carcomido e decomposto por suas contradições e seus males incuráveis. O destino dos povos e da humanidade não está em suas mãos. A luta de libertação dos povos é um processo objetivo que nenhuma força do mundo pode deter. É uma das tendências fundamentais do atual desenvolvimento mundial e uma de suas principais forças motrizes.

O direito dos povos de serem livres e independentes é um direito inegável. Nasceu junto com o homem e a sociedade humana e tem sido uma constante invariável em todas as épocas históricas. Em todos os tempos as potências reacionárias se esforçaram por negar este direito aos povos, por submetê-los e dominá-los. Criaram grandes impérios, continentes inteiros se transformaram em colônias, diversos povos estiveram escravizados durante séculos consecutivos, porém o espírito de liberdade e independência jamais se extinguiu. Quem desapareceu e acabou foram os impérios e as colônias.

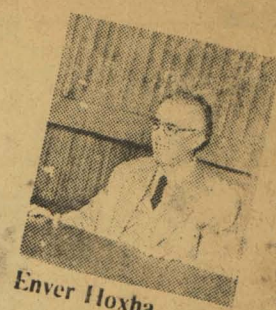
Nada custou tanto aos povos como a liberdade e a independência. Não poupou nenhum sacrifício humano, por maior que fosse, a fim de expulsar os ocupantes e opressores estrangeiros. Ninguém pode sufocar a aspiração dos povos a serem livres e independentes, e nós temos plena confiança em sua realização.



O camarada Ramiz Alia, junto a delegados do congresso do P

Internacional

PTA permanece fiel ao caminho de Enver Hoxha



Enver Hoxha



O camarada João Amazonas, com o camarada Ramiz Alia, durante os trabalhos do congresso do PTA.

“Orgulhamo-nos de marchar unidos com o PTA”

O Camarada João Amazonas participou do Congresso do PTA onde leu calorosa mensagem em nome dos comunistas brasileiros.

Queridos camaradas delegados, O Partido Comunista do Brasil saudou fraternal e calorosamente o vosso Congresso, novo e importante elo no processo de construção do socialismo na Albânia. Sob a eficiente direção do camarada Ramiz Alia, fiel seguidor da obra de Enver Hoxha, o PTA avança a passos seguros no caminho do comunismo, aspiração dos explorados e oprimidos de todo o mundo. Saudamos também com grande entusiasmo o jubileu do Partido do Trabalho da Albânia que completa neste 8 de novembro quarenta e cinco anos de existência. Organizador e incentivador das magníficas vitórias na luta de libertação e na edificação socialista, o partido de Enver conquistou o respeito e a admiração dos trabalhadores e dos povos.

socialismo na Albânia. Ao contrário do que sucede nos países e partidos revisionistas, onde o desaparecimento dos principais dirigentes significa nova política, novos rumos, cada vez mais anti-socialistas, a Albânia, com a morte de Enver Hoxha, não sofreu nenhuma solução de continuidade na orientação fundamental que vinha adotando. O partido estreitou mais ainda suas fileiras, o povo mobilizou-se e prosseguiu confiante em sua marcha vitoriosa. Aos grandes méritos do camarada Enver, junta-se assim esse outro de enorme significação histórica — o de haver preparado o partido e os quadros para continuar a grandiosa obra de construção da sociedade comunista.

O 9º Congresso registra o avanço do povo albanês em suas múltiplas atividades. Cresceu a produção industrial, aumentou a produção agrícola apesar da inelencmência do tempo, melhorou sensivelmente o nível de vida da população, aperfeiçoou-se e atendimento das necessidades sociais, ampliou-se e aprofundou-se o trabalho cultural e científico. Este panorama da Albânia contrasta

com a situação crítica do mundo capitalista onde impera o desemprego, a pobreza de vastos setores da população, as tremendas injustiças sociais, onde se intensifica o consumo e o tráfico das drogas, onde a criminalidade cresce sem cessar, onde os vícios de uma sociedade corrompida estendem-se por toda parte. O capital financeiro submete os povos da maior parte do mundo a uma exploração jamais vista. Esse contraste ajuda os trabalhadores a compreender melhor a superioridade do sistema socialista e, portanto, a necessidade da revolução.

A realização do 9º Congresso coincide com o 45º aniversário do PTA. É uma longa e gloriosa caminhada. Sob sua orientação, a Albânia derrotou os piores inimigos e construiu uma nova vida de bem-estar e felicidade para todos. O PTA é um partido sábio, defensor intransigente da invencível doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Sempre enfrentou corajosamente todas as manifestações oportunistas no movimento comunista mundial — o revisionismo soviético, o titismo, o maioismo, o eurocomunismo. E se combateu firmemente o oportunismo de direita, manteve também apurada vigilância contra o

oportunismo de “esquerda”, tão nocivo quanto o da direita. É um partido exemplar. Profundamente internacionalista, comprovado na luta de classes, constitui por isso mesmo o núcleo fundamental da unidade do movimento comunista. Assim reconhecem todos os verdadeiros marxistas-leninistas. Não há dúvida que a unidade tem por base o PTA. Sem o PTA ou contra o PTA, a unidade seria falsa, enganadora. Orgulhamo-nos de marchar unidos com o PTA, partido que dirige a construção do socialismo, que mantém bem alta a bandeira do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

O Partido Comunista do Brasil reafirma sua confiança inabalável no partido de Enver e de Ramiz Alia e faz os mais ardentes votos de novos e grandiosos êxitos em sua frutuosa atividade revolucionária.

Viva o 9º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia!
Viva o glorioso povo albanês!
Viva o 45º aniversário de fundação do PTA!
Viva a indestrutível amizade de combate do Partido Comunista do Brasil e do Partido do Trabalho da Albânia!

O IX Congresso do PTA foi o primeiro depois da morte de Enver Hoxha. Mas sem dúvida, o grande líder albanês, morto em abril de 1985, esteve moral e intelectualmente presente. Assinala este fato, entre outras coisas, a introdução ao informe do camarada Ramiz Alia, que invoca os ensinamentos de Enver e lhe presta justa homenagem.

Nosso povo deve a liberdade e a independência da Pátria, a vida socialista, o nome e o respeito de que a Albânia desfruta no mundo a nosso heróico Partido e a seu glorioso filho, o inesquecível camarada Enver Hoxha. Já não temos entre nós o camarada Enver Hoxha, mas temos sua obra imortal, temos seus sábios ensinamentos e recomendações, temos seu rico legado teórico, que nos inspiram e nos guiam em cada passo e cada momento.

A gradidão dos comunistas e de todo o povo tem sido e será sempre infinita pelo que Enver Hoxha fez pela Albânia e seu povo. Temos o máximo respeito pelo grande homem que nos momentos mais trágicos da história da Albânia fundou o Partido Comunista, organizou e dirigiu a grande insurreição antifascista do povo albanês; temos o máximo respeito pelo legendário comandante do Exército de Libertação Nacional que expulsou os ocupantes estrangeiros e derrotou os traidores do país. Temos e teremos no pensamento esse homem que, à frente do Partido, lançou as bases do poder popular e dirigiu as grandes transformações sociais e os profundos processos da construção socialista na Albânia.

O camarada Enver Hoxha queria uma Albânia completamente livre e independente, absolutamente soberana, e assim a transformou. Todo o seu pensamento teórico, toda a sua atividade e sua luta contra as ingerências anglo-americanas, iugoslavas, soviéticas e outras, expressam o importante conceito de que a completa independência de um país se conquista quando este não tem para com as potências estrangeiras nenhuma obrigação que condicione sua política interna e externa, quando a independência política é acompanhada pela econômica e por uma defesa autônoma, quando o povo é dono e senhor de suas riquezas nacionais e decide seu próprio destino. Foi Enver Hoxha quem formulou e aplicou a política do Partido de apoio nas próprias forças.

Nome da Albânia e o nome de Enver Hoxha são inseparáveis. Toda a nova história da Albânia leva o selo de sua eminente personalidade, de seu pensamento teórico e sua ação política. Quando nosso povo diz que é fiel Enver, expressa o notável fato de que seu caráter e seus traços, seu modo de pensar e de atuar, seu ideal e seus objetivos, se formaram na escola de luta revolucionária de Enver. A figura de Enver Hoxha é a figura que simboliza e encarna o ardente patriotismo e o abnegado espírito militante revolucionário, a sabedoria popular e o luminoso pensamento do homem culto, o simples filho do povo e o eminente homem de Estado.

Nosso Partido e nosso povo sempre marcharão por esse caminho de liberdade e independência. Ninguém deve pensar nem esperar que a Albânia jamais faça negociações com a sua liberdade e independência, que aceite tutelagem estrangeira nem que permita a mínima limitação de sua soberania, que se deixe seduzir e enganar para cair nas malhas dos blocos e nas integrações do mundo capitalista e revisionista.

A luta e os ensinamentos de Enver Hoxha estão nas bases da linha geral do Partido, representam os pontos fundamentais de orientação e referência para sua atividade cotidiana. A fidelidade a esses ensinamentos e sua aplicação presente e do futuro, condição decisiva para o triunfo da causa do socialismo e do comunismo na Albânia.

Toda a história da nova Albânia é a história de uma renhida luta de classes, desenvolvida em todas as frentes contra os inimigos internos e externos. É mérito de Enver Hoxha que esta luta se tenha desenvolvido sempre corretamente, sem inclinar-se nem à esquerda nem à direita, que tenha resistido às pressões imperialistas e que nunca se deixasse influenciar pelos pontos de vista e práticas revisionistas. Enver Hoxha não só definiu a luta de classes como uma força motriz principal da sociedade socialista, mas também argumentou de maneira brilhante sobre sua existência durante todo o período do socialismo, até o comunismo. Enver Hoxha considerou a luta de classes como fator decisivo para salvaguardar a unidade do povo e das fileiras do Partido, como uma base sólida para defender as vitórias da revolução e condição fundamental para a construção do socialismo.

O camarada Enver nos ensinou a conservar e fortalecer incessantemente o Partido e seu papel dirigente. Nessa questão ele se atinha rigorosamente ao princípio de que somente um partido de tipo leninista, que se mantém fiel à doutrina marxista-leninista e ao espírito internacionalista, um partido que permanece à frente do sistema de ditadura do proletariado e não divide a direção do Estado e da sociedade com outras forças políticas, um partido intransigente com as frações e as correntes e em permanente luta com a ideologia burguesa e revisionista, pode defender as conquistas da revolução e dirigir o povo pelo caminho do socialismo. Um partido monolítico deste tipo foi o Partido que Enver criou e dirigiu durante cerca de 45 anos. Foi com um partido hegemônico assim que nosso povo assegurou todas as vitórias de que hoje desfrutamos.

Nosso povo sonhava ver seu país industrializado, fartar-se com o pão de sua terra, receber instrução, e cultura, gozar os frutos da civilização contemporânea. O Partido, com o camarada Enver Hoxha à frente, tornou este sonho realidade. A idéia e os caminhos para a industrialização do país, e para a transformação socialista do campo, que o camarada Enver elaborou tão profundamente e em todos os seus detalhes, foram tão originais como providenciais.

O camarada Enver Hoxha via o destino do povo albanês e o porvir da Albânia estreitamente ligados com a existência do Poder Popular, com seu desenvolvimento e democratização contínuos, com o fortalecimento de seus vínculos com as massas. Jamais considerou o poder popular como uma simples alavanca do Partido para a aplicação de sua política, mas como o realizador das antigas aspirações populares à igualdade e à justiça social, como defensor dos direitos democráticos e cívicos, como representante dos interesses nacionais e decisivo fator político e organizativo para marchar pelo caminho do socialismo.

Nosso Partido aplicará com decisão e de forma criadora a grande estratégia de desenvolvimento de nossa economia socialista, o magno programa de construção socialista, elaborados sob a direção e com base nos ensinamentos do camarada Enver Hoxha, atendo-se aos princípios marxistas-leninistas que estão em seu fundamento. Nosso Partido e nosso povo trabalharão incansavelmente para transformar o quanto antes nossa Pátria num país industrializado, com uma agricultura do mais alto nível mundial, e criar condições cada vez melhores de progresso técnico e científico e de uma cultura mais ampla e avançada possível para as massas.

O Poder Popular, por cuja instauração nosso povo derramou tanto sangue, será sempre conservado por nós forte e livre de qualquer abastardamento burocrático e influência liberal. O Partido e o povo não permitirão jamais que nosso Poder se deixe influenciar pelas idéias e práticas burguesas e revisionistas chamadas pluralismo, autogestão, estado de todo o povo e outras.

Na saudação dirigida ao povo albanês por ocasião do 40º aniversário da libertação, o camarada Enver expressou sua confiança inabalável no futuro da Albânia socialista, que ele queria ver

“...cada vez mais forte, sempre vermelha, como a inextinguível chama dos corações e dos ideais comunistas e guerrilheiros, uma Albânia que viva e progrida no curso dos séculos”.

Nós nos manteremos fiéis a esse testamento político marchando por seu caminho e aplicando seus ensinamentos, conservando a Albânia sempre livre e independente, como deixou e a queria o camarada Enver, com uma defesa segura, como ele a construiu e exigia, com uma economia sólida e avançada, com um Poder forte como ele queria, com um partido temperado ideologicamente e organizado capaz, como o Partido que ele fundou e educou.

Comunistas portugueses realizam Congresso e grande comício

O Partido Comunista (Reconstruído) de Portugal realizou seu V Congresso e um grande comício em Lisboa, por ocasião do encerramento do Congresso e das comemorações do 10º aniversário de sua fundação. O camarada Dynéas Aguiar representou nosso Partido nesses importantes eventos, a convite do Comitê Central do PC(R). Abaixo, publicamos a mensagem aos camaradas portugueses, enviada pela Direção de nosso Partido. No próximo número publicaremos mais informações sobre o V Congresso dos comunistas portugueses.

Queridos Camaradas, Com grande satisfação trazemos as saudações dos comunistas e do proletariado brasileiro ao V Congresso do Partido Comunista (Reconstruído) de Portugal. Este evento coincide com a celebração do X aniversário de fundação de seu glorioso Partido, vanguarda revolucionária do proletariado português.

Como bem afirmais em vossos documentos, o P.C.(R) chega a este Congresso tendo concluído a fase de sua reorganização. É um fato auspicioso de grande significado para o avanço da luta do povo e do proletariado que o seu destacamento mais avançado se consolide dentro dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

Prolongados, difíceis, árduos, mas gloriosos foram os 10 anos decorridos desde a fundação do P.C. (R). A busca do caminho

revolucionário e a fidelidade sem limites aos interesses imediatos e futuros do proletariado das massas trabalhadoras oprimidas foram sempre a sua constante e a sua marca.

Intensas e heroicas foram as inúmeras batalhas que os comunistas travaram no campo da luta de classes tanto no front externo como no interno. O inimigo tudo fez e ainda faz para impedir a consolidação do verdadeiro partido marxista-leninista em Portugal. Poderosas forças se conjugam nesse afã. Os revisionistas e os sociais-democratas recebem duros golpes a cada passo que significam avanço e a consolidação do Partido. Por isso, no campo político esforçam-se para isolar o P.C. (R) ou atraí-lo para posições capituladoras que o afastem das amplas massas. Internamente, os traidores dos interesses do proletariado e do povo português armaram vários complôs e orientaram diversas frações.

Sempre fracassaram porque mais alto se fez ouvir a voz dos verdadeiros comunistas, valorosos combatentes de vanguarda, capitaneados atualmente pelo camarada Eduardo Pires.

Hoje nosso querido Partido irmão aprova importantes resoluções em seu Congresso. Aplicadas corretamente dentro da realidade concreta de cada local serão sem dúvida poderoso fator de mobilização, organização e elevação da consciência política de amplos setores das massas das quais sairão os quadros revolucionários que reforçarão as fileiras partidárias.

Queridos Camaradas, O Partido Comunista do Brasil acaba de sair de mais uma grande batalha eleitoral. A primeira dessa envergadura nesta nova fase de vida legal. Seus militantes e dirigentes fizeram chegar a milhões de brasileiros, em todos os Estados e Territórios da Nação, propostas para a Constituição e orientações para lutas concretas do proletariado e das massas trabalhadoras e populares. Estamos convictos de que nesta batalha aplicamos corretamente um dos grandes ensinamentos dos clássicos e fundadores do marxismo-leninismo que é o de nunca

estarmos sós, sempre que seja possível conquistar aliados para garantir vitórias que abram, espaços para o avanço ininterrupto do processo revolucionário. O PC do B alcançou êxitos, tendo triplicado sua bancada na Câmara Federal, embora seja ainda uma representação modesta.

Camaradas, Temos a convicção de que a consolidação de nossos dois partidos bem como dos demais partidos marxistas-leninistas é a melhor contribuição que poderemos dar ao reforçamento do movimento comunista mundial, que tem como estrela de primeira grandeza a construção do socialismo na Albânia. Os partidos marxistas-leninistas são a única força capaz de levar a humanidade a um futuro socialista, de paz e bem estar social. Fazemos os mais ardentes votos de completo êxito do Vosso V Congresso.

Que a amizade de nossos partidos e nossos povos, forjada no fragor de intensa luta de classes, seja eterna.
Viva o V Congresso do P.C. (R)!
Viva os camaradas portugueses e seus provados dirigentes!
Viva o internacionalismo proletário!

Homenagem aos comunistas que tombaram na Chacina da Lapa

Luiz Aparecido

Para que o passado não volte é necessário não esquecer-lo. Sob esse clima, realizou-se no último dia 16 de dezembro, na Câmara Municipal de São Paulo, ato de homenagem aos comunistas vítimas do que ficou registrado na história como a Chacina da Lapa. Homenagem aos três comunistas que tombaram lutando pela liberdade, pelo progresso social e pela independência nacional, Pedro Pomar, Ângelo Arroyo e João Batista Drumont e ainda aos que naquele mesmo episódio, sofreram nas mãos dos militares as mais torpes torturas.

Estiveram presentes ao ato, os deputados eleitos Plínio de Arruda Sampaio, Florestan Fernandes, e Aldo Arantes, um dos presos e torturados em dezembro de 1976, juntamente com os dirigentes do PC do B, João Amazonas e José Duarte, além de representantes da CGT, UNE e outras entidades democráticas e de trabalhadores. Elza Monerat e Maria Trindade, presas na ocasião da Chacina da Lapa, também estiveram presentes.

Como foi

Localizados por forças militares do I e II Exércitos, graças à colaboração do traidor Manoel Jover Teles (ver box), quando realizavam reunião do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, na rua Pio XI, na Lapa, os dirigentes Pedro Pomar e Ângelo Arroyo foram brutalmente assassinados com tiros de escopetas, metralhadoras e bombas, enquanto João Batista Drumont, preso pouco antes, sucumbiu às torturas no DOI-Codi de São Paulo e também morria. Nessa mesma operação militar, que durou a noite toda entre os dias 15 e 16 de dezembro de 1976, foram presos e passaram semanas inteiras

Congresso do Partido apura e expulsa traidor

Na edição de fevereiro/março de 1983, de A Classe Operária, foi publicado um suplemento especial com as resoluções do 6º Congresso do Partido Comunista do Brasil, onde o caso da Chacina da Lapa foi analisado em profundidade e concluiu-se pela punição a Manoel Jover Teles, responsável pela presença dos militares no local e os acontecimentos se seguiram. Abaixo, a íntegra da resolução nº 4:

O Congresso do Partido Comunista do Brasil (6º), depois de examinar o Relatório apresentado pela Comissão encarregada de apurar as causas da queda da Lapa em dezembro de 1976, decide aprovar esse Relatório e confirmar a expulsão de Manoel Jover Teles das fileiras do Partido, como traidor e colaborador direto dos órgãos de repressão. Foi ele que forneceu os dados e indicações do local e da

reunião do Comitê Central, em meados de dezembro de 1976, participando pessoalmente do esquema montado pelo I e II Exército para prender e assassinar dirigentes do Partido. O Relatório deve descer a todos os organismos partidários, com as respectivas conclusões, a fim de estimular a vigilância de classe do Partido.

Janeiro/fevereiro de 1983 A Mesa da Assembléia Final do Congresso.



Pedro Pomar



Ângelo Arroyo

sob as mais bárbaras torturas Aldo Arantes, Haroldo Lima, Elza Monerat, Maria Trindade e outros militantes e dirigentes do Partido.

A Chacina da Lapa é considerada até hoje uma das mais bem montadas, frias e cruéis operações militares da repressão durante o regime militar

recém-findo no país. O objetivo era assassinar João Amazonas, principal dirigente do PCdoB e outros dirigentes, como Ângelo Arroyo, comandante militar da guerrilha do Araguaia e marcado há muito para morrer, pelos chefes militares de então. João Amazonas não foi encontrado na reunião, por estar

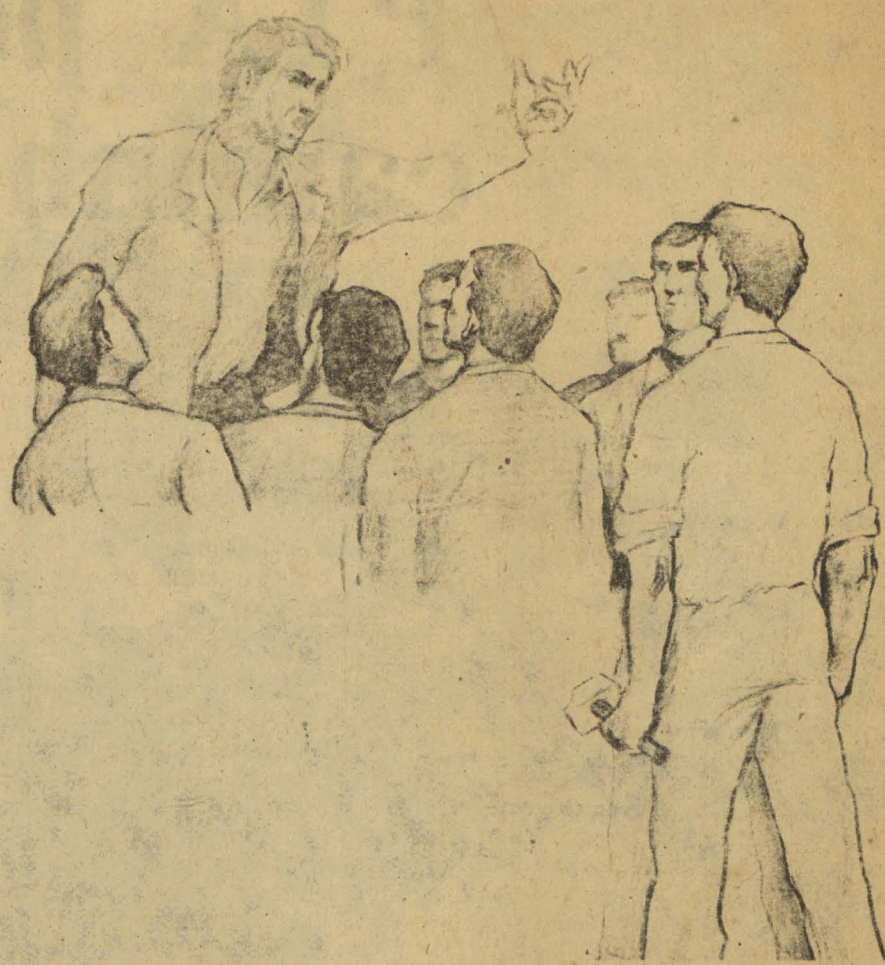
na ocasião em missão do Partido no exterior, mas os que ficaram, tombaram crivados pelas balas assassinas da repressão.

Os que tombaram

Ângelo Arroyo, um dos que tombaram naquela fatídica manhã de 16 de Dezembro de 1976, era um operário metalúrgico que militava no PCdoB desde 1945, tendo sido não só ativista sindical, mas quadro e dirigente comunista de grande valor, chegando a comandar os destacamentos que enfrentaram a ditadura militar-fascista na guerrilha do Araguaia. Pedro Pomar, outro dirigente assassinado, entrou para o PCdoB, em 1935. No Partido, lutou em vários pontos do país dedicando-se às mais variadas atividades, tendo sido até mesmo deputado federal em 1947. Quando morreu era um dos responsáveis pela propaganda do PCdoB.

João Batista Drumont, tombou jovem, com 34 anos. Tinha sido um dos dirigentes da antiga Ação Popular que se incorporou ao PCdoB e foi durante toda sua vida, um militante da causa da liberdade, do progresso e da independência nacional.

Veteranos combatentes da causa da liberdade e do socialismo, Ângelo Arroyo e Pedro Pomar, sempre se mantiveram firmes na decisão de defender o marxismo-leninismo contra seus inimigos internos e externos. Foram, assim como Drumont, exemplos de militância comunistas e revolucionária e contribuíram firmemente para o desmascaramento do surto revisionista que assolou o partido durante uma certa época e jamais vacilaram na defesa do Partido e dos interesses do povo brasileiro e da nação.



DOCUMENTO HISTÓRICO

O Estudo e a vida do Partido

O combate ao praticismo e a luta pela formação teórica e ideológica do militante comunista sempre foram uma preocupação na vida do Partido, como mostra o documento publicado em "A

CLASSE OPERÁRIA", em novembro de 1951. De grande atualidade, o documento chama a atenção para o estudo e analisa seu papel na vida do Partido.

O estudo é uma tarefa normal e permanente no Partido a fim de que o militante possa exercer seu papel de vanguarda conseqüente e crescer no curso da luta por seus objetivos revolucionários.

O militante cômico de suas responsabilidades que resultam de sua adesão ao Partido; o militante que sabe orientar-se diante de todas as situações, não pode formar-se apenas através do trabalho prático e da atividade política e de massas. O militante, para exercer seu papel de dirigente de massas, deve unir à atividade prática o estudo contínuo e atento da situação política nacional e internacional e da ideologia marxista-leninista. Só existe este caminho para ele se tornar capaz de examinar e resolver tanto os problemas imediatos que surjam na fábrica, no bairro, na fazenda, na escola, como as questões mais complexas da vida nacional.

COMBATE AO PRATICISMO ESTREITO

O estudo e a atividade partidária são duas coisas que devem marchar em íntima ligação. É preciso assimilar a teoria revolucionária do proletariado unida indissolúvelmente à prática revolucionária.

Há camaradas que dedicam grande parte do seu tempo ao Partido e que afirmam não encontrar tempo para estudar. "Sei que é preciso estudar mas onde achar tempo para estudar?" - eis como colocam a questão. É verdade que não podemos solucionar esta dificuldade com uma receita geral. Mas também é certo que esta questão surge porque não se dá ao estudo a mesma importância que às outras tarefas. Se cada companheiro fizer um exame de como emprega seu tempo durante o dia e durante a semana, e se compreender que o estudo é uma tarefa tão importante quanto outra qualquer, há de encontrar alguns minutos por dia, algumas horas por semana para dedicar à leitura de um livro clássico, de um informe, de uma revista teórica. E deixando de fazê-lo, o que acontece é afundar-se num praticismo estreito que o leva a perder de vista os objetivos revolucionários e que diminui o rendimento de seu trabalho diário.

O HÁBITO DE ESTUDAR

A falta de hábito é uma dificuldade séria que precisa ser vencida com esforço individual, com a consciência da importância da tarefa que estamos realizando. Todo trabalho é difícil quando não estamos acostumados a ele. Entretanto, quantos companheiros que ao entrarem para o Partido não eram capazes de fazer uma pequena intervenção, fazem hoje bons informes sobre a situação nacional e internacional? Se começamos impondo nos a obrigação de ler 10 a 15 minutos por dia, mesmo dos textos mais fáceis, acabamos adquirindo o hábito de estudo e isso nos possibilitará resolver com maior segurança as questões do dia a dia, interpretar os acontecimentos, convencer os amigos. Nossa atividade prática individual estará se apoiando sobre a alavanca das fontes teóricas que multiplicam sua força. Nisto, como em tudo o mais, devemos nos

guiar pelo exemplo dos grandes dirigentes comunistas: eles sempre souberam ligar a intensa atividade prática ao fecundo estudo da teoria. Dimitrov dizia: "Estudar e lutar, lutar e estudar."

ESTUDAR NÃO É DIFÍCIL

Muitos camaradas pensam que estudar é uma coisa difícil, uma tarefa além de suas possibilidades. É este um dos motivos pelos quais se deixam impressionar mesmo ante os textos mais fáceis.

É claro que começar a estudar não é fácil. Quando não se tem o hábito de estudo fica-se impressionado ao pegar um livro: pensa-se que os livros, especialmente os de estudo, só podem ser lidos por quem cursou escola durante muitos anos. Mas, tanto no estudo, como em outras coisas, tudo está em começar. Naturalmente, nos primeiros dias surgirão muitas dúvidas e dificuldades, mas com o prosseguimento do estudo, começará a compreender melhor os textos e a assimilá-los até dominar-se o assunto. O que é necessário antes de tudo, é ter vontade de aprender, não desistir diante das primeiras dificuldades, ler e reler o trecho que temos pela frente, não ir adiante se não se está seguro de o haver compreendido e poder explicar seu sentido. Estudar requer certamente muita atenção. Mas não é um assunto só para "iluminados". Perseverança, paciência e hábito, é o que se faz necessário para enfrentarmos o estudo.

ESTUDO INDIVIDUAL E COLETIVO

O estudo pode ser feito individual ou coletivamente. Embora ambas as formas sejam importantes, precisamos destacar o estudo individual como básico, o mais importante. Quando o Partido Bolchevique iniciou a luta pelo reforçamento ideológico, colocou como centro de seu trabalho o estudo individual. O estudo coletivo é o que se realiza nas escolas do Partido, nos círculos de leitura e de estudo. O estudo coletivo não pode ser considerado senão como forma auxiliar - embora importante e muitas vezes indispensável para ajudar os militantes a darem os primeiros passos no estudo da teoria marxista. Muitas vezes é necessário começar com os círculos de estudo para incutir nos militantes o hábito da leitura e do estudo individual. Isto significa que devemos dar uma atenção particular ao estudo individual, uma vez que constitui o método fundamental para a elevação do nível ideológico do Partido. Deve, conseqüentemente, ser estabelecido como uma tarefa e um dever de cada comunista.

Mas o estudo individual não pode ser feito de qualquer maneira. O Partido ensina à massa dos seus militantes e a todos os operários revolucionários como realizar, de forma prática e útil, o estudo individual. As organizações e os órgãos dirigentes do Partido orientam e controlam os militantes no cumprimento desta tarefa, ajudando-os que querem estudar e não sabem como fazê-lo, dando-lhes indicações precisas.

Aplicação dos princípios leninistas é tarefa atual

Arthur de Paula

Quando a Direção Nacional do PC do B lançou o chamamento para que as portas do partido fossem abertas, que nele ingressassem milhares de novos aderentes, vindos da classe operária, do campo, das escolas, dos bairros, do meio artístico e intelectual, do curso das muitas lutas travadas em todas as frentes pelas massas, não estava anulando ou revendo o princípio básico, inalienável, de que para ser membro do Partido Comunista do Brasil é preciso aceitar o seu programa, estatutos, pertencer a um dos seus organismos de base, contribuir financeiramente para manter o partido, aplicar sua política, participar das organizações e lutas de massas.

Nosso partido precisa ser um partido de milhões para fazer frente às condições da luta de classes hoje em nosso país e no mundo. Mas precisam ser milhares e milhões de militantes organizados segundo os princípios leninistas. Quando Lenin concebeu o sistema organizativo para o partido da classe operária, ele cuidou de criar um instrumento para a revolução proletária, cuidou de dotar os revolucionários proletários de um sistema organizativo poderoso e indispensável para conquistar e manter o poder.

Nos dias atuais, particularmente após a batalha eleitoral que foi travada por nosso partido, precisamos dar um balanço, examinar detidamente o crescimento efetivo do partido, reconduzi-lo aos princípios organizativos, fazendo funcionar cada organismo de base e as direções intermediárias, integrando o partido às massas para que seja efetivamente o destacamento de vanguarda, forma superior de organização da classe operária, com inquebrantável unidade política, organizativa e ideológica em suas fileiras.

As organizações de base se estruturam em locais de trabalho, estudo ou moradia,



se relacionam apenas verticalmente com o organismo imediatamente superior. Quando esses organismos crescem numericamente, podem ser divididos em seções que vão se ramificando sempre dentro desse critério. Aos organismos de base cabe organizar e dirigir as massas e suas lutas, recrutar novos militantes para o partido, reuni-los regularmente, discutir a política e as orientações do partido, formá-los e educá-los política e ideologicamente, traçar os planos de trabalho, a atuação

dos militantes nas entidades de massa, desenvolver a propaganda das idéias, documentos e propostas do Partido.

Se não agirmos assim, cairemos no espontaneísmo, no oportunismo da auto-adesão, onde centenas de fichas são preenchidas e depois levadas para as gavetas e vez por outra expedem-se pelo correio correspondências e publicações. Isto não basta para afirmar que o Partido cresceu, que tem dezenas de diretórios, milhares de membros etc. Este

comportamento conduz o Partido à degeneração e à incapacidade de cumprir sua missão revolucionária.

O Partido marxista-leninista, no nosso caso o PC do B, é um sistema único de organizações, união formal e verticalizada num todo, onde existem organizações de base, órgãos intermediários e superiores de direção, onde a minoria se submete à maioria, os organismos inferiores submetem-se aos superiores, as decisões práticas são obrigatórias a todos os militantes com tarefas na base ou nas direções, e onde os organismos superiores prestam contas aos inferiores. Só assim o PC do B poderá ser um todo organizado, capaz de assegurar uma direção organizada, sistemática, às lutas operárias, camponesas, estudantis, ou de outra frente qualquer da luta de massas.

De algum tempo para cá, constata-se o liberalismo no cumprimento dos horários, das tarefas, na política organizativa, no funcionamento do Partido. Essas manifestações anti-leninistas revelam mudanças na cor e no espírito do Partido. O Partido Comunista do Brasil precisa ser efetivamente o destacamento de vanguarda da classe operária, precisa incorporar os melhores elementos da classe operária, dos camponeses, dos estudantes, dos moradores de bairros e favelas, dos artistas e intelectuais, mas precisa assimilar a teoria revolucionária marxista-leninista, conhecer as leis dos movimentos de massas e da revolução, educar seus membros, membros e simpatizantes de acordo com o plano tático e estratégico. Isto não pode proceder. Não há condições necessárias para mobilizar e dirigir corretamente o proletariado do povo, acobardar por nivelar-se por baixo aos partidos e organizações burguesas, revisionistas e social-democratas.